



UC/FPCE -- 2016

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Estilos parentais: estudo da estrutura fatorial da PSST e do seu efeito moderador na relação entre ansiedade social e depressão

Eliana Fernandes Silva (e-mail: eliana92silva@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, Subárea de Especialização em Intervenções Cognitivo-Comportamentais nas Perturbações Psicológicas e Saúde, sob a orientação da Professora Ana Paula Soares de Matos e coorientação do Professor José Joaquim Marques da Costa

A atual Dissertação de Mestrado está inserida no âmbito do projeto “Prevenção da depressão em adolescentes Portugueses: estudo da eficácia de uma intervenção com adolescentes e pais”, financiado pela Fundação Realan (USA).

Agradecimentos

À Professora Doutora Ana Paula Matos, pela orientação, pela preocupação, por ter insistido sempre e nunca ter desistido; sobretudo, pelos momentos em que parou e me ensinou a fazer através de modelamento.

Ao Professor Doutor José Joaquim Costa, por toda a ajuda, pelo reforço positivo, pelas palavras de incentivo e pelo humor que, talvez por vezes não parecendo, me ajudava a reenquadrar o contexto.

A todos os que prontamente se disponibilizaram para ajudar na recolha da amostra, um muito obrigado, sem a vossa ajuda esta tese não teria sido possível.

Às colegas de tese, pela partilha das dificuldades e, especialmente, pela força e pelo ânimo que sempre transmitíamos; por termos tornado este ano um bocadinho mais fácil através das nossas conversas e entreajuda.

À Sofia e ao Daniel, pela abertura e paciência com que recebiam e respondiam a cada pergunta, pelo tempo que não tinham, mas que encontraram em cada dia para conseguirem ser ajuda, pelos sorrisos e abraços sempre dispostos a acolher.

À Andreia, a *pessoa-presente* mais bonita desta viagem, pela disponibilidade sem limites, pela partilha incansável de tudo o que sabia, pela capacidade de me ajudar a respirar fundo e a recomeçar; acima de tudo, pela coincidência dos gostos em comum que desde cedo geraram sendas onde outros laços puderam florescer.

À equipa do SDPJ Coimbra, pelo acolhimento sem medida no ano da chegada, pelos anos entretanto vividos em equipa, pela presença no ano da partida; por todas as atividades que pensámos juntos, pelo tempo que dedicámos a cada Grupo de Jovens, pela alegria e pela festa que nos caracterizam, pelos momentos de silêncio e de reflexão, pelo crescimento humano e espiritual, pelas amizades nascidas no seio do serviço, que permanecem além dele; porque muito mais do que uma equipa, é uma segunda família.

Este ano, em especial, à Bárbara, pela serenidade que sempre transmitia, pelos momentos de encontro e de confidências, pelos gestos e palavras de carinho; ao Litos, por não me deixar esquecer o entusiasmo de servir, pela voz de *minion* que me fazia sempre rir, pelos abraços que me acolhiam e refaziam; à Joana, pela disponibilidade e ajuda preciosas, pela história que escrevemos ao compasso da criatividade e do mundo das cores, por sermos testemunho de que os *pequenos-nadas* são, na verdade, o mais importante de uma amizade.

Ao Fábio, à Lili, à Carolina e à Catarina, aqueles que são de sempre e para sempre, pelos momentos de pura diversão, pelo sentimento de pertença, por permanecermos simples e felizes, tal como quando éramos miúdos; por esperarem por mim.

À Gabi, pela partilha do gosto pela Psicologia que ao longo dos últimos anos se transformou na partilha de quem somos, por me conhecer tão bem e, por isso, por ter sempre a palavra certa e o abraço mais querido quando preciso de ajuda a *assentar os pés na terra*; pela amizade incondicional, que sabe sempre dar-me tempo e espaço para *creSer*.

À Rita, irmã do coração, por caminhar de mãos dadas comigo, pela forma singular com que desata os meus nós, por num só olhar me encontrar e acolher, por não estar em nenhum local nem em nenhum tempo, mas estar sempre, em todo o lado; pela nossa amizade de costura invisível e de cor eternidade.

Aos meus pais, por me escutarem horas a fio sem se importarem com o passar do tempo, por se entusiasmarem com o meu entusiasmo, por se interessarem e quererem saber, pelas oportunidades que me concedem; pelo amor, pelo cuidado e pelo carinho.

Aos meus avós, pela infinita paciência para as minhas brincadeiras, pela ternura e dedicação que me têm, pelo acompanhamento incomparável desde sempre, pela presença nos momentos mais singelos onde me fui construindo; pelo porto de abrigo que constituem.

À Alice, à Júlia e à Laura, as minhas afilhadas, por tornarem cada momento juntas um mundo de histórias e de magia, onde o *faz-de-conta* ganha vida; por me ensinarem a olhar o mundo com surpresa e gratidão; por conferirem sentido e significado à frase do *Príncipezinho*, “és eternamente responsável por aquilo que cativas”; por serem o melhor do meu mundo e despertarem o melhor de mim.

*“Ninguém te ensinou mas no fundo tu sentes, asas para voar
Nem que o céu se tolde e as nuvens impeçam, tu não vais parar
Voa bem mais alto, livre sem alforge sem prata, nem ouro
Amando este mundo, esta vida que é campo e esconde o tesouro”*

Índice

Artigo I - PSST: estudo da estrutura fatorial

Resumo	8
Abstract.....	8
1. Introdução.....	9
2. Objetivos.....	14
3. Metodologia.....	14
3.1 Participantes.....	14
3.2 Instrumento	15
3.3 Procedimento	15
3.4 Estratégia analítica	16
4. Resultados.....	17
4.1 Estrutura fatorial	17
4.2 Estudo dos itens	20
4.3 Consistência interna.....	20
4.4 Diferenças entre género e idade.....	21
5. Discussão.....	22
6. Referências	25

Artigo II - Estudo do efeito moderador dos estilos parentais na relação entre ansiedade social e sintomatologia depressiva nos adolescentes

Resumo	30
Abstract.....	31
1. Introdução.....	32
2. Metodologia.....	36
2.1 Participantes.....	36
2.2 Instrumentos.....	36
2.3 Procedimento	38
2.4 Estratégia Analítica.....	38
3. Resultados.....	40
3.1 Análise preliminar dos dados.....	40
3.2 Diferença entre géneros na sintomatologia depressiva, na ansiedade social e nos estilos parentais.....	40

3.3 Estudo das associações entre ansiedade social, estilos parentais e sintomatologia depressiva.....	41
3.4 Estudo dos efeitos preditores	42
3.5 Análise dos efeitos de moderação.....	43
3.5.1 Efeito moderador do estilo parental explorador de emoções na relação entre ansiedade social e depressão	43
4. Discussão	45
5. Referências	50

Artigo I

Silva, E. F., Matos, A. P., & Costa, J. J. (2016). Parenting Scale Self Test (PSST): estudo da estrutura fatorial.

PSST: estudo da estrutura fatorial

Resumo

A PSST (Gottman & DeClaire, 1997) avalia o que os pais pensam sobre as emoções e a forma como lhes reagem, e pretende determinar a forma pelo qual os pais ensinam os seus filhos a reconhecer, a expressar e a lidar com as emoções. O objetivo deste estudo é o avaliar algumas propriedades psicométricas da PSST, nomeadamente a estrutura fatorial e a consistência interna. A amostra consistiu em 355 pais (65.07% do género feminino e 34.93% do género masculino), cujos filhos adolescentes têm idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos. Foi realizada uma análise fatorial exploratória através do método de componentes principais com rotação direct oblimin. A estrutura da escala revelou-se diferente da original, apresentando 3 fatores relativos aos estilos parentais face às emoções: estilos reprovador, explorador e aceitador de emoções. A consistência interna da escala revelou valores de alfa de .87, .85 e .70, respetivamente. Apresentam-se as limitações do estudo e direções para futuras investigações.

Palavras-chave: Estrutura fatorial; Parenting Scale Self-Test; Filosofia meta-emocional; Pais; Adolescentes.

Abstract

The PSST scale (Gottman & DeClaire, 1997) evaluates what parents think about emotions and the way they react to them. It also tries to determine the ways by which the parents teach their children to recognise, express and deal with emotions. The objective of this study is to evaluate some psychometric properties of PSST, namely its factorial structure and internal consistency. The sample consisted of 335 parents (65.07% female and 34.93% male) whose children are between 14 and 20 years of age. An exploratory factorial analysis was conducted using the principal components method with direct oblimin rotation. The structure of the scale changed from the original, here presenting 3 factors concerning parenting styles towards emotions: disapproving, explorer and accepting styles. The internal consistency of the scale showed alpha values of .87, .85 and .70, respectively. Limitations of this study and directions for future research are also presented.

Keywords: Factorial structure, Parenting Scale Self-Test; Meta-Emotion Philosophy; Parents; Adolescents.

1. Introdução

A partir da investigação acerca das relações entre pais e filhos e do desenvolvimento de capacidades de regulação emocional nos filhos, Gottman, Katz, & Hooven, (1996) desenvolveram a teoria da meta-emoção que preconiza que os estilos de socialização emocional dos pais dependem da sua filosofia meta-emocional. O conceito de filosofia meta-emocional diz respeito ao “conjunto organizado de sentimentos e de pensamentos que os pais têm sobre as suas emoções e as dos seus filhos” (Gottman et al., 1996, p. 243), sendo que cada filosofia meta-emocional resulta em estilos de socialização emocional distintos. As filosofias meta-emocionais parentais compreendem três dimensões: a consciência que os pais têm das suas emoções, a consciência que os pais têm das emoções dos seus filhos, e as respostas dos pais à expressão emocional dos filhos e o que pensam acerca dela (Gottman & Declaire, 1997).

A entrevista estruturada sobre meta-emoção para pais (Katz & Gottman, 1986) constitui o principal instrumento de medida das filosofias meta-emocionais. Nesta entrevista os pais descrevem as suas experiências relativamente a emoções de tristeza, raiva e medo, bem como contam o que pensam acerca da expressão destas emoções nas crianças e de como as crianças reagem às mesmas. Com base nos resultados obtidos através das entrevistas, Gottman & Declaire (1997) propõe quatro estilos parentais relacionados com as emoções: treinador de emoções, *laissez-faire*, desvalorizador e desaprovador.

O estilo parental treinador de emoções caracteriza-se pela aceitação da expressão emocional dos filhos, pelo que os pais empatizam e validam as suas emoções, e ensinam-nos a identificar o que estão a sentir e a expressar as emoções de forma adequada. Ao serem socializados através deste estilo parental as crianças aprendem a confiar nas suas emoções, a regula-las e a resolver problemas. O estilo parental *laissez-faire* também se caracteriza pela aceitação e validação da experiência emocional dos filhos. Porém, ao contrário do que acontece com o estilo parental treinador de emoções, os pais não estabelecem limites no comportamento e não orientam na regulação de experiências emocionais intensas. Dado que este estilo parental se caracteriza pela permissividade e pela ausência de limites, os filhos não aprendem competências de regulação emocional repercutindo-se isto na dificuldade dos filhos em gerirem as suas emoções. Os pais com um estilo parental desvalorizador consideram que a experiência emocional negativa dos filhos é irracional, pelo que não a consideram importante. Deste modo, este estilo parental caracteriza-se pela não aceitação das emoções negativas dos filhos, de tal modo que

os pais tendem a trivializar e a ignorar as emoções dos filhos. Através de estratégias de distração os pais procuram conter a experiência emocional dos filhos, ao invés de se focarem no significado das emoções e de promoverem a discussão das mesmas. Também caracterizado pela não-aceitação das emoções negativas nos filhos, o estilo parental desaprovador rejeita a expressão emocional, o que se traduz na crítica, julgamento, repreensão ou castigo dos filhos. Estes pais consideram que as emoções negativas devem ser controladas e que são um sinal de fraqueza. Os filhos socializados com estes estilos parentais aprendem que as suas emoções são inapropriadas e inválidas, acreditando que alguma coisa não está bem consigo devido à forma como se sentem (Gottman & Declaire, 1997).

Apesar de distintos os estilos parentais apresentam características comuns entre si, nomeadamente o desvalorizador e o desaprovador que rejeitam a experiência emocional negativa, e o *laissez-faire* e o treinador de emoções que, por outro lado, aceitam essa experiência emocional. A teoria da meta-emoção sugere que as filosofias meta-emocionais dos pais influenciam as capacidades de regulação emocional dos filhos, bem como os seus resultados. Gottman et al. (1996) verificou que filhos de pais com um estilo parental treinador de emoções têm menos doenças, apresentam uma maior capacidade de regulação emocional, melhor desempenho escolar e relações mais positivas com os pares.

A partir da entrevista estruturada sobre meta-emoção para pais (Katz & Gottman, 1986), Gottman & Declaire (1997) desenvolveram a Parenting Styles Self-Test (PSST), um instrumento de autorresposta, que avalia de que modo os pais pensam as emoções e de como lhes reagem, e pretende determinar o estilo pelo qual os pais ensinam os seus filhos a reconhecer, expressar e lidar com as emoções. Apesar da sua investigação apenas ter estudado o papel dos estilos de socialização emocional parental em filhos com idades compreendidas entre os 4 e os 5 anos, a PSST é apresentada não só para pais com filhos crianças, como também para pais com filhos adolescentes. A escala original tem 81 itens, desses itens 25 correspondem ao estilo parental desvalorizador, 23 ao estilo parental desaprovador, 10 ao estilo parental *laissez-faire* e 23 ao estilo parental treinador de emoções. O formato de resposta é dicotómica, sendo as opções Verdadeiro ou Falso. O autor não estudou psicometricamente a escala, tendo surgido estudos posteriormente.

Lee (1999) foi a primeira a estudar as propriedades psicométricas da PSST, numa amostra de 89 mães e 11 pais. Na primeira passagem da escala os valores de *alfa*

de Cronbach variaram entre .33 e .81, valores que correspondem respetivamente ao estilo parental *laissez-faire* e desaprovador. O estilo parental treinador de emoções obteve um alfa de .62 e o estilo parental desvalorizador obteve um alfa de .76. Na segunda passagem do instrumento os valores variaram entre .54 (estilo parental *laissez-faire*) e .87 (estilo parental desaprovador). O estilo parental treinador de emoções obteve um valor de alfa de .54 e o estilo parental desvalorizador de .83.

Neste estudo (Lee, 1999), o estilo parental treinador de emoções representa o estilo parental predominante em 91 dos 100 participantes na primeira passagem da escala, sendo que os restantes 10 participantes tinham como estilo parental predominante o estilo parental *laissez-faire*. Acresce ainda que apesar de existir um estilo parental predominante, 20% dos participantes pontuam em 10% noutra fator além daquele em que obtêm o valor mais elevado. Deste modo, a autora sugere a existência de duas dimensões subjacentes aos estilos parentais propostos por Gottman & Declaire (1997), nas quais os estilos parentais representariam um resultado baixo ou elevado nessas dimensões. As dimensões propostas são de aprovação/desaprovação da expressão emocional e da resposta ativa/passiva que a expressão emocional gera. Deste modo, os estilos parentais desvalorizador e desaprovador constituiriam uma forma de desaprovação de emoções, enquanto os estilos parentais *laissez-faire* e treinador de emoções de aprovação. Relativamente à resposta gerada os estilos parentais desvalorizador e *laissez-faire* caracterizar-se-iam por serem uma resposta passiva; e os estilos parentais desvalorizador e treinador de emoções uma resposta ativa. Numa avaliação qualitativa acerca da escala, 27% dos participantes consideram que alguns itens são demasiados gerais e outros demasiado específicos, 22% consideram que a resposta aos itens dependeria da situação em que acontecesse o que é descrito e 25% criticam o formato de resposta dicotómica por restringir a possibilidade de respostas.

Posteriormente, Hakim-Larson, Parker, Lee, Goodwin e Voelker (2006), numa amostra de 21 mães e 10 pais, tendo em consideração o feedback dos participantes do estudo de Lee (1999), alteraram o formato de resposta para uma escala do tipo Likert, variando esta entre 1 (sempre falso) e 5 (sempre verdadeiro). Assim modificaram o nome da escala para Emotion-Related Parenting Styles Self-Test-Likert (ERPSST-L) e verificaram que a consistência interna da escala é aceitável, obtendo valores de *alfa* de .72 (*laissez-faire* e desvalorizador), .82 (treinador de emoções) e .91 (desaprovador).

De seguida, Paterson et al. (2012) conduziu uma análise fatorial exploratória sobre a ERPSST-L através da extração *principal axis factor* com rotação *direct oblimum*

em duas amostras de 107 mães: uma cujos filhos não apresentam dificuldades desenvolvimentais e outra cujos filhos apresentam dificuldades desenvolvimentais (por exemplo, dificuldades de aprendizagem). Nas duas amostras verificou-se a existência de 3 fatores comuns: treinador de emoções, rejeição parental de emoções negativas e aceitação parental de emoções positivas. Na amostra de filhos sem dificuldades desenvolvimentais esta solução fatorial, com 34 itens, explica 42.5% da variância total. Na amostra com dificuldades desenvolvimentais a escala apresentou um fator adicional, cujo conteúdo se refere a sentimentos de incerteza/ineficácia na socialização de emoções. Os quatro fatores desta solução fatorial, que contemplam 32 itens, explicam 47% da variância total.

A escala final do estudo psicométrico de Paterson et al. (2012) é uma versão breve da ERPSST-L constituída por 20 itens distribuídos por 4 fatores: treinador de emoções, rejeição parental de emoções negativas, aceitação parental de emoções positivas e sentimentos de incerteza/ineficácia na socialização de emoções. Cada fator tem 5 itens que correspondem aos itens que têm saturações fatoriais mais elevadas em ambas as amostras, variando estas entre .91 e .30. Dado que o fator incerteza/ineficácia na socialização de emoções tinha apenas 4 itens os autores acrescentaram um, escolhendo um item que se adequasse teoricamente ao fator e que tivesse uma saturação fatorial elevada. Apesar de este fator não ser interpretável em ambas as amostras, os autores optaram por integrá-lo na versão final da escala, por considerarem ser uma mais-valia porque permite que a escala seja utilizada em famílias com filhos com e sem dificuldades desenvolvimentais. De notar que os itens correspondentes aos estilos parentais desvalorizador e desaprovador da escala original convergiram num mesmo fator (rejeição parental de emoções negativas), e apenas dois itens relativos ao estilo parental *laissez-faire* da escala original foram mantidos. Os valores de consistência interna da escala final variam entre .70 e .79. na amostra sem dificuldades desenvolvimentais e entre os .76 e .81. na amostra com dificuldades desenvolvimentais.

Relativamente a diferenças de género, Gottman et al. (1996) encontrou que as mães demonstravam mais atitudes características do estilo treinador de emoções em comparação com os pais. Posteriormente, Hakim-Larson et al. (2006) verificou diferenças de género no que respeita ao estilo parental desvalorizador, obtendo os pais pontuações superiores. Por outro lado, as mães apresentavam pontuações mais elevadas nos estilos parentais treinador de emoções e *laissez-faire*, sendo que nenhum destes resultados está relacionado com o género ou a idade dos filhos. Paterson et al. (2012) encontra-

ram resultados semelhantes. Os autores descobriram que mães de filhos do gênero feminino e mães de filhos do gênero masculino não diferem significativamente quanto ao estilo de socialização emocional. Tal como no estudo de Hakim-Larson et al. (2006), a idade dos filhos não está associada a diferentes estilos de socialização emocional. Outros autores (Klimes-Dougan et al., 2007; Stocker, Richmond, Rhoades, & Kiang, 2007), em amostras com filhos adolescentes, encontraram que as mães aceitam e procuram ajudar mais os filhos a lidar com a experiência emocional negativa em comparação com os pais.

A investigação acerca da influência dos estilos de socialização emocional propostos por Gottman & Declaire (1997) tem sido realizada sobretudo com pais com filhos crianças (Gottman et al., 1996; Katz & Windecker-Nelson, 2004; Katz & Windecker-Nelson, 2006). Porém, alguns estudos começam a mostrar que a filosofia meta-emocional dos pais se relaciona com a experiência emocional dos filhos adolescentes. Adolescentes cujas mães têm um estilo de socialização treinador de emoções mostram ter uma auto-estima mais elevada e menos comportamentos agressivos, assim como menor humor disfórico em comparação com os filhos cujas mães têm uma filosofia meta emocional desvalorizadora (Katz e Hunter, 2007). Stocker et al. (2007) também encontraram que a filosofia meta-emocional treinador de emoções se relaciona com menor sintomatologia internalizante. Quando as mães aceitam e guiam os filhos adolescentes quando estes expressam a emoção raiva, os adolescentes apresentam uma melhor capacidade de regulação desta emoção e menos comportamentos externalizantes (Shortt, Stoolmiller, Smith-Shine, Eddy, & Sheeber, 2010). Assim, estes dados mostram que é pertinente estudar a filosofia meta-emocional de pais com filhos adolescentes.

Não obstante a existência da PSST em formato de resposta dicotômica, apenas se encontrou uma investigação (Gupta, 2012) que utilizou como instrumento a escala original. Nesta investigação apenas foram utilizados os fatores treinador de emoção e desvalorizador os quais obtiveram, respetivamente, valores de consistência interna de .71 e de .80. Verificou-se que outros estudos recorreram à versão da PSST em formato de resposta *Likert* (Hakim-Larson et al., 2006) e à versão reduzida da escala de Paterson et al. (2012), ou que utilizaram outros instrumentos de medida, tais como: a entrevista estruturada sobre meta-emoção parental (*Parent Meta-Emotion Interview*; Katz & Gottman, 1986), que questiona os pais acerca das suas experiências, pensamentos e sentimentos sobre a tristeza e a raiva; o questionário de estilos emocionais maternos (*Maternal Emotional Styles Questionnaire*; Lagacé-Séguin & Coplan, 2005), que foi

adaptado da entrevista de meta-emoção revista de Katz e Gottman (1999) e que avalia os estilos treinador de emoções e desvalorizador; a escala que avalia a forma como os pais lidam com a experiência emocional negativa das crianças (*Coping with Children Negative Emotions*, Fabes, Poulin, Eisenberg, & Madden-Derdich, 2002) que pretende medir o grau em que os pais reagem à expressão emocional dos filhos em 12 situações em que estes sentem emoções negativas, como a raiva; o teste de afeto dos pais (*Parent Affect Test*; Linehan, Paul, & Egan, 1983), que avalia a forma como os pais reagem perante 20 situações positivas e 20 situações negativas de interação com os filhos e que permite aos pais classificar a sua reação numa escala de bipolar de 7 pontos em que o progenitor (por exemplo, sinto-me com raiva...sinto-me satisfeito).

A PSST foi construída a partir de um modelo teórico que evidencia que a forma como os pais pensam e reagem à própria experiência emocional negativa determina as atitudes que terão perante as emoções negativas dos filhos e que estas, por sua vez, têm repercussões nas capacidades de regulação emocional dos filhos, bem como noutras áreas de vida, nomeadamente relações interpessoais e desempenho académico. Posto isto, estudar as propriedades psicométricas da PSST permite adaptar/validar um instrumento de avaliação dos estilos parentais de socialização emocional e perceber os efeitos que estes têm no ajustamento e nas competências dos filhos.

2. Objetivos

O objetivo deste estudo é o de examinar as propriedades psicométricas da PSST (Gottman & Declaire, 1997) numa amostra de pais com filhos adolescentes. Pretende-se estudar a estrutura fatorial e a consistência interna da escala numa amostra de pais de adolescentes, em Portugal.

3. Metodologia

3.1 Participantes

A amostra do presente estudo é constituída por 355 pais, representando o género feminino 65.07% da amostra (231 sujeitos) e o género masculino 34.93% (124 sujeitos). As suas idades variam entre os 33 e os 60 anos ($M = 45.57$; $DP = 4.31$), verificando-se que as idades não apresentam diferenças significativas tendo em conta o género ($t_{(345)} = -.709$, $p > .05$). As idades dos filhos variam entre os 14 e os 20 anos ($M = 16.23$; $DP = 1.66$), sendo que 92.09% das idades estão compreendidas entre os 14 e os 18 anos.

3.2 Instrumento

A PSST (Parenting Styles Self-Test) é um instrumento de autorresposta que pretende avaliar o estilo parental baseado na teoria da filosofia meta-emocional de Gottman & Declaire (1997).

O instrumento é composto por 81 itens, correspondendo 23 itens ao estilo emocional treinador de emoções (e.g., Quando o meu filho está triste tento ajudá-lo a explorar o que o levou a ficar assim), 10 itens ao *laissez-faire* (e.g., Quando a minha criança está zangada, tento fazê-la saber que a amo aconteça o que acontecer), 25 itens ao desvalorizador (e.g., A infância é uma fase de divertimento e alegria, não um tempo para sentir se sentir tristeza ou ira) e 23 itens ao desaprovador (e.g., Quando o meu filho fica triste, eu chamo-lhe a atenção para que ele não se torne numa má pessoa). O formato de resposta é dicotómico (Verdadeiro/Falso), sendo que os itens assinalados com V (verdadeiro) são pontuados com 1. Estas pontuações são somadas em cada fator e divididas pelo nº de itens do fator correspondente. O resultado mais elevado corresponde ao estilo parental predominante da pessoa que responde.

As instruções de resposta para a PSST são as seguintes: “As seguintes afirmações descrevem sentimentos e perceções acerca da experiência de ser educador, pai/mãe. Pense em cada um dos itens em termos de como é tipicamente a sua relação com o(s) seu(s) filho(a) ou filhos. Por favor, indique até que ponto concorda ou discorda dos seguintes itens, selecionando o número que melhor se aplica ao seu caso”.

As propriedades psicométricas da escala não foram estudadas pelo autor original, mas Lee (1999) obteve bons valores de consistência interna em ambas as passagens da escala para os estilos parentais desvalorizador ($\alpha = .76$; $\alpha = .83$), desaprovador ($\alpha = .81$; $\alpha = .87$), e treinador de emoções ($\alpha = .62$; $\alpha = .59$). Por outro lado, o estilo parental *laissez-faire* obteve valores mais baixos de consistência interna ($\alpha = .33$; $\alpha = .54$).

3.3 Procedimento

A amostra deste estudo foi recolhida através de alunos do curso de Psicologia como parte de uma tarefa não obrigatória incluída numa unidade curricular. O critério de seleção destes alunos era que tivessem uma de idade máxima de 20 anos ou então cujos pais tivessem outro filho com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos. Também se recorreu a alunos de escolas privadas de inglês e a movimentos juvenis, que tivessem jovens na faixa etária referida. O protocolo de avaliação dos pais era entregue aos alunos num envelope, no qual se encontrava também uma carta explicativa acerca

dos objetivos da investigação e com a indicação de devolverem o envelope selado aos filhos após o preenchimento do protocolo. Posteriormente, os envelopes eram recolhidos pelos investigadores nas escolas ou sede dos movimentos.

3.4 Estratégia analítica

Para estudar as propriedades psicométricas da PSST as análises descritivas e os procedimentos estatísticos foram concretizados através do *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 22.0 para *Windows*.

Inicialmente verificou-se se a amostra cumpria os requisitos para execução de uma Análise Fatorial Exploratória. Recorreu-se ao critério de que uma amostra superior a 300 casos é considerada boa para realizar a análise em causa (Tabachnick e Fidell, 2007). Foram analisados o Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o teste de Esfericidade de Bartlett. Na interpretação dos resultados obtidos através do teste de KMO usou-se a classificação sugerida por Hutcheson e Sofroniou (1999 cit in Field, 2009), considerando o valor como inaceitável sempre que inferior a .50; medíocre entre .51 e .70; bom entre .71 e .80; muito bom entre .81 e .89 e excelente acima de .90. Relativamente ao teste de Esfericidade de Bartlett este deve ser significativo ($p < .05$) (Field, 2009).

Para a realização da análise fatorial da PSST recorreu-se à Análise em Componentes Principais seguida de rotação oblíqua, à semelhança do estudo de Paterson (2012). A retenção dos fatores foi efetuada tendo em conta a análise do *scree plot* e o critério de Kaiser (valores próprios superiores a 1). O critério utilizado relativamente às saturações fatoriais foi o de Tabachnick e Fidell (2013) que consideram que valores superiores ou iguais a .32 constituem o valor mínimo para que um item possa ser interpretado num determinada fator, pois está a medir o construto avaliado pelo fator.

Estudou-se a fiabilidade da escala por meio do alfa de *Cronbach*, considerando-se os valores estipulados por Pestana e Gageiro (2005): valores inferiores a .60 são inadmissíveis; entre .61 e .70, fracos; entre .71 e .80, razoáveis; entre .81 e .90, bons; e superiores a .90, muito bons. Foi ainda analisada a magnitude das correlações de cada item com o total da escala, recorrendo-se ao critério de Kline (1986 cit in Streiner & Norman, 2003) de que o valor mínimo aceitável é de .20. A presença de diferenças entre géneros e idades também foi investigada, através da análise univariada da variância (ANOVA) ou de testes t de Student, considerando-se significativas diferenças com valores de $p \leq .05$ (Marôco, 2010). O tamanho do efeito foi analisado, considerando-se

os critério de Cohen (1988): .01 corresponde a um efeito pequeno, .06 a um efeito moderado e .14 a um efeito grande.

4. Resultados

4.1 Estrutura fatorial

Procedeu-se a uma Análise de Componentes Principais, onde se pôde observar um valor de KMO de .811 – valor que é considerado muito bom (Hutcheson e Sofroniou 1999 cit in Field, 2009). O teste de esfericidade de Bartlett ($\chi^2 = 5383,716$; $p < .001$) revelou-se significativo, sendo também um indicador da adequação dos dados para a realização da análise fatorial.

Considerando que os estilos parentais estão relacionados entre si (Gottman & Declaire, 1997; Lee, 1999), utilizou-se o tipo de rotação oblíquo (*direct oblimin*). Esta solução resultou na extração de 25 fatores, porém a distribuição dos itens não fazia sentido teoricamente. Deste modo, e de acordo com a estrutura proposta por Gottman & Declaire (1997), forçou-se a escala à extração de 4 fatores que explicava 27.37% da variância total, mas não era interpretável teoricamente. De acordo com a hipótese de Lee (1999) de que os estilos parentais poderiam representar duas dimensões, forçou-se uma solução com dois fatores. Porém, esta não se revelou exequível, uma vez que explicava apenas 18.86% da variância total da escala. Exploraram-se ainda soluções fatoriais de acordo com os critérios utilizados por Paterson et al. (2012) (eliminação de comunalidades inferiores a .20, de saturações fatoriais inferiores a .40 em todos os fatores e de itens com saturações fatoriais superiores a .32 em vários fatores), porém a consistência interna dos fatores extraídos revelava-se mais baixa (entre .66 e .82) do que as da solução que é apresentada.

Na solução forçada à extração de 4 fatores verificava-se no *scree plot* uma grande inflexão do fator 3 para o fator 4. À semelhança de Paterson et al. (2012) na amostra de pais com filhos sem dificuldades desenvolvimentais, procurou explorar-se uma solução de 3 fatores. Esta distribuição fatorial, forçada a três fatores, apesar de explicar apenas 23.90% da variância total, apresentou-se com um padrão lógico na distribuição dos itens. Não obstante, as saturações fatoriais de 25 itens encontravam-se abaixo de .32, pelo que se procedeu à eliminação dos mesmos (itens 42, 12, 6, 57, 2, 7, 18, 15 que correspondiam na escala original ao estilo parental desvalorizador; itens 5, 44, 8, 4, 10, 21, 20 que correspondiam ao estilo parental desaprovador; itens 75, 81, 78, 80, 74, 77 que correspondiam ao estilo parental *laissez-faire*; itens 63, 61, 16, 36 que correspondiam ao

estilo parental treinador de emoções). Após concluído este procedimento, eliminaram-se 8 itens que saturavam em fatores que não fazia sentido teoricamente (o item 76 que representa o estilo parental *laissez-faire* e os itens 70, 17, 25, 52 que são característicos do estilo parental desvalorizador surgiam no fator 2 explorador de emoções; e os itens 72, 79 e 73, cujo conteúdo é característico do estilo parental *laissez-faire*, encontravam-se no fator 3 aceitador de emoções). Depois de retirados estes itens a solução final explica 31.43% da variância total e apresenta saturações fatoriais entre .35 e .77.

Foram encontrados 3 fatores: fator 1- reprovador de emoções, fator 2- explorador de emoções e fator 3- aceitador de emoções. O primeiro fator explica 13.75% da variância e é constituído por 29 itens. O conteúdo destes itens é negativo, representando a junção dos estilos parentais desvalorizador e desaprovador da escala original. O segundo fator explica 11.41% da variância total e é constituído por 11 itens. O conteúdo destes itens refere-se à exploração de emoções, como a raiva e a tristeza. O terceiro fator explica 6.27% variância total e é constituído por 8 itens. O conteúdo destes itens remete para a percepção de que emoções como a raiva e tristeza são importantes, criando uma oportunidade para a aproximação entre pais e filhos. Os itens que compõem o segundo e o terceiro fator são originários do estilo parental treinador de emoções, pelo que nenhum dos fatores apresenta itens relativos ao estilo parental *laissez-faire*.

Tabela 1.
Pesos fatoriais e Comunalidades (h^2) ($N = 355$)

Itens	F1	F2	F3	h^2
F1. Reprovador de Emoções				
48. Os miúdos zangam-se para levar a sua avante.	.66			.43
50. Se deixarmos que os miúdos se zanguem, vão pensar que podem levar sempre a sua vontade avante.	.63			.40
47. Se permitirmos à criança que expresse ira (raiva) ela desenvolverá um mau génio/ ficará uma pessoa embirrenta.	.62			.43
3. As crianças que agem como se estivessem tristes, usualmente estão a tentar que os adultos sintam pena delas.	.55			.31
68. Quando o meu filho está zangado, penso: “Porque é que ele não aceita as coisas como elas são?”.	.55			.32
11. As crianças agem como se estivessem tristes para levar a sua avante.	.53			.29
45. Não penso que seja correto uma criança mostrar ira (raiva ou que está zangado).	.52			.33
49. Quando o meu filho fica zangado, fico preocupado com a possibilidade de vir a ter tendências destrutivas.	.50			.30
82. Crianças birrentas (raivosas) tornam-se desrespeitadoras.	.49			.26
22. Quando o meu filho age com tristeza, é para obter atenção.	.47			.31
19. Penso que quando os miúdos estão tristes, é porque sobrevalorizaram as coisas negativas da vida.	.46			.23
27. As crianças têm poucos motivos para ficarem zangadas.	.46			.25
67. Quando o meu filho está zangado, eu penso: “Se ele ao menos aprendesse com os socos da vida?”.	.46			.28
60. A ira (raiva ou zanga) não serve para nada.	.45			.31

40. Quando o meu filho fica triste, eu chamo-lhe a atenção para que ele não se torne numa má pessoa.	.44	.26
1. As crianças têm muito poucas razões para estarem tristes.	.43	.20
13. A tristeza é o tipo de coisa que se deve ultrapassar, esconder, e não perder muito tempo com isso.	.43	.25
32. A infância é uma fase de divertimento e alegria, não um tempo para sentir se sentir tristeza ou ira (raiva ou zanga).	.43	.22
24. A ira (raiva ou zanga) das crianças, advém da sua falta de compreensão e imaturidade.	.41	.20
46. As pessoas raivosas estão fora de controlo.	.41	.20
55. Quando o meu filho fica zangado, penso que é altura para levar uma palmada.	.41	.20
9. Quando se ignora a tristeza de uma criança ela tende a desaparecer e a criança retoma a sua vida.	.40	.22
41. Quando o meu filho está triste fico preocupado com a possibilidade dele desenvolver uma personalidade negativista/ pessimista.	.39	.19
59. Quando estou zangado, sinto que vou explodir.	.39	.20
66. Quando o meu filho fica zangado comigo, eu penso: “Não quero escutar isto”.	.39	.20
58. Quando o meu filho se zanga, usualmente não levo isso a sério.	.38	.19
53. A ira (raiva ou zanga) tende a deturpar o meu julgamento e faço coisas de que me arrependo.	.37	.24
14. Eu não me importo em ter que lidar com a tristeza de uma criança, desde que ela não dure muito tempo.	.36	.15
56. Quando o meu filho fica zangado, o meu objetivo é conseguir que pare.	.35	.22

F2. Explorador de Emoções

34. Quando o meu filho está triste, ajudo-o a descobrir as razões desse sentimento.	.77	.58
31. O mais importante é perceber o porquê da criança se sentir triste.	.72	.52
28. Quando o meu filho está triste tento ajudá-lo a explorar o que o levou a ficar assim.	.71	.50
29. Quando o meu filho está triste, mostro-lhe que compreendo o que está a sentir.	.68	.47
43. Quando o meu filho está zangado, tento compreender o que está a sentir.	.68	.48
65. É importante ajudar a criança a descobrir o que lhe causou ira (raiva ou zanga).	.67	.45
39. O mais importante é perceber o porquê da criança se sentir zangada.	.66	.43
71. Quando o meu filho está zangado, quero saber no que ele está a pensar.	.65	.44
64. Quando o meu filho “perde a cabeça”, tento perceber o que o fez ficar tão zangado.	.61	.39
33. Quando o meu filho está triste, sentamo-nos os dois para falarmos acerca disso.	.60	.37
23. Quando o meu filho está zangado (com raiva ou ira) vale a pena explorar o que está a sentir.	.37	.17

F3. Aceitador de Emoções

37. Eu quero que o meu filho tenha a experiência da ira (raiva ou zanga) ou do que é estar zangado (raivoso).	.68	.49
69. Quero que o meu filho se zangue para aprender a se defender.	.59	.36
26. Quando o meu filho está triste, é uma oportunidade para me aproximar dele.	.57	.38
38. Eu penso que é bom para os miúdos por vezes se sentirem zangados.	.57	.33
35. Quando o meu filho está zangado, é uma oportunidade para ficarmos mais próximos.	.55	.34
30. Eu quero que o meu filho tenha a experiência de tristeza ou do que é estar triste.	.53	.29
62. A ira (raiva) da criança é importante.	.43	.31
54. Quando o meu filho está zangado, é altura para resolver os problemas.	.38	.21

A análise da correlação dos fatores da PSST revelou que o fator reprovador se relaciona negativamente com os fatores explorador e aceitador de emoções, e que estes dois fatores se relacionam positivamente entre si (cf. Tabela 2).

Tabela 2.
Valores do r de Pearson entre os fatores da PSST

	Reprovador	Explorador
Reprovador	1	
Explorador	-.02	1
Aceitador	-.05	.13*

4.2 Estudo dos itens

Estudaram-se ainda as propriedades dos itens, através das médias e desvios-padrão do item, de correlações item-total e do valor do α de Cronbach quando esse item é eliminado. As correlações item-total encontram-se acima de .20, variando as mesmas entre .26 e .70.

4.3 Consistência interna

A consistência interna da escala, avaliada através do cálculo do alfa de Cronbach, revelou bons valores de alfa no fator 1 (.87) e no fator 2 (.85), e um valor razoável para o fator 3 (.71).

Tabela 3.
Médias (M) e Desvios-padrão (DP), Correlações Item-total (r), Alfa de Cronbach quando o item é eliminado (a), e Alfa de Cronbach dos fatores

Itens	M	DP	r	α
F1. Reprovador ($\alpha = .87$)				
48. Os miúdos zangam-se para levar a sua avante.	.45	.50	.58	.86
50. Se deixarmos que os miúdos se zanguem, vão pensar que podem levar sempre a sua vontade avante.	.32	.47	.55	.86
47. Se permitirmos à criança que expresse ira (raiva) ela desenvolverá um mau génio/ ficará uma pessoa embirrenta.	.33	.47	.54	.86
3. As crianças que agem como se estivessem tristes, usualmente estão a tentar que os adultos sintam pena delas.	.41	.49	.49	.86
68. Quando o meu filho está zangado, penso: “Porque é que ele não aceita as coisas como elas são?”.	.43	.50	.48	.86
11. As crianças agem como se estivessem tristes para levar a sua avante.	.42	.50	.47	.86
45. Não penso que seja correto uma criança mostrar ira (raiva ou que está zangado).	.31	.46	.45	.86
49. Quando o meu filho fica zangado, fico preocupado com a possibilidade de vir a ter tendências destrutivas.	.33	.47	.43	.86
82. Crianças birrentas (raivosas) tornam-se desrespeitadoras.	.52	.50	.42	.86
22. Quando o meu filho age com tristeza, é para obter atenção.	.21	.40	.42	.86
19. Penso que quando os miúdos estão tristes, é porque sobrevalorizaram as coisas negativas da vida.	.45	.50	.40	.86
27. As crianças têm poucos motivos para ficarem zangadas.	.39	.49	.42	.86
67. Quando o meu filho está zangado, eu penso: “Se ele ao menos aprendesse com os socos da vida?”.	.46	.50	.39	.86
60. A ira (raiva ou zanga) não serve para nada.	.58	.49	.39	.86

40. Quando o meu filho fica triste, eu chamo-lhe a atenção para que ele não se torne numa má pessoa.	.55	.50	.37	.87
1. As crianças têm muito poucas razões para estarem tristes.	.49	.50	.37	.87
13. A tristeza é o tipo de coisa que se deve ultrapassar, esconder, e não perder muito tempo com isso.	.21	.41	.37	.87
32. A infância é uma fase de divertimento e alegria, não um tempo para sentir se sentir tristeza ou ira (raiva ou zanga).	.74	.44	.38	.87
24. A ira (raiva ou zanga) das crianças, advém da sua falta de compreensão e imaturidade.	.43	.50	.35	.87
46. As pessoas raivosas estão fora de controlo.	.49	.50	.36	.87
55. Quando o meu filho fica zangado, penso que é altura para levar uma palmada.	.22	.42	.36	.87
9. Quando se ignora a tristeza de uma criança ela tende a desaparecer e a criança retoma a sua vida.	.18	.39	.36	.87
41. Quando o meu filho está triste fico preocupado com a possibilidade dele desenvolver uma personalidade negativista/ pessimista.	.62	.49	.34	.87
59. Quando estou zangado, sinto que vou explodir.	.46	.50	.34	.87
66. Quando o meu filho fica zangado comigo, eu penso: “Não quero escutar isto”.	.21	.41	.34	.87
58. Quando o meu filho se zanga, usualmente não levo isso a sério.	.35	.48	.34	.87
53. A ira (raiva ou zanga) tende a deturpar o meu julgamento e faço coisas de que me arrependo.	.59	.49	.32	.87
14. Eu não me importo em ter que lidar com a tristeza de uma criança, desde que ela não dure muito tempo.	.37	.49	.31	.87
56. Quando o meu filho fica zangado, o meu objetivo é conseguir que pare.	.70	.46	.31	.87
F2. Explorador de Emoções ($\alpha = .85$)				
34. Quando o meu filho está triste, ajudo-o a descobrir as razões desse sentimento.	.89	.32	.71	.82
31. O mais importante é perceber o porquê da criança se sentir triste.	.95	.23	.62	.83
28. Quando o meu filho está triste tento ajudá-lo a explorar o que o levou a ficar assim.	.95	.23	.62	.83
29. Quando o meu filho está triste, mostro-lhe que compreendo o que está a sentir.	.93	.26	.60	.83
43. Quando o meu filho está zangado, tento compreender o que está a sentir.	.92	.27	.59	.83
65. É importante ajudar a criança a descobrir o que lhe causou ira (raiva ou zanga).	.96	.19	.56	.84
39. O mais importante é perceber o porquê da criança se sentir zangada.	.91	.29	.55	.83
71. Quando o meu filho está zangado, quero saber no que ele está a pensar.	.90	.31	.58	.83
64. Quando o meu filho “perde a cabeça”, tento perceber o que o fez ficar tão zangado.	.91	.28	.51	.84
33. Quando o meu filho está triste, sentamo-nos os dois para falarmos acerca disso.	.86	.35	.51	.84
23. Quando o meu filho está zangado (com raiva ou ira) vale a pena explorar o que está a sentir.	.75	.43	.31	.87
F3. Aceitador ($\alpha = .71$)				
37. Eu quero que o meu filho tenha a experiência da ira (raiva ou zanga) ou do que é estar zangado (raivoso).	.34	.48	.55	.64
69. Quero que o meu filho se zangue para aprender a se defender.	.42	.49	.38	.68
26. Quando o meu filho está triste, é uma oportunidade para me aproximar dele.	.57	.50	.46	.66
38. Eu penso que é bom para os miúdos por vezes se sentirem zangados.	.62	.49	.43	.67
35. Quando o meu filho está zangado, é uma oportunidade para ficarmos mais próximos.	.46	.50	.41	.68
30. Eu quero que o meu filho tenha a experiência de tristeza ou do que é estar triste.	.58	.49	.43	.67
62. A ira (raiva) da criança é importante.	.53	.50	.26	.71
54. Quando o meu filho está zangado, é altura para resolver os problemas.	.48	.50	.27	.71

4.4 Diferenças entre género e idade

As diferenças de género quanto aos estilos parentais adotados pelos pais de ambos os géneros foram estudadas através de testes t de *Student*. Verificou-se que não

existiram diferenças significativas nos estilos parentais reprovador e aceitador. Quanto ao estilo parental explorador encontraram-se diferenças significativas, caracterizando-se as mães por terem este como o seu estilo parental predominante (cf. Tabela 4). Verificou-se que o tamanho do efeito é de .03, o que é considerado um tamanho pequeno.

Tabela 4.
Diferenças entre mães e pais nos três fatores da PSST

	Mães (n = 231)		Pais (n = 124)		<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Reprovador de Emoções	.43	.22	.41	.23	.59	.58
Explorador de Emoções	.93	.15	.85	.23	3.43	.001
Aceitador de Emoções	.49	.28	.53	.29	-1.20	.23

Relativamente a diferenças quanto aos estilos parentais adotados pelos pais consoante o género dos filhos verificou-se que não existem diferenças significativas (cf. Tabela 5).

Tabela 5.
Diferenças nos três fatores da PSST consoante o género dos filhos

	Filhas (n = 202)		Filhos (n = 142)		<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Reprovador de Emoções	.42	.21	.43	.23	-.51	.61
Explorador de Emoções	.89	.20	.91	.16	-.85	.39
Aceitador de Emoções	.49	.28	.53	.29	-1.24	.22

Do mesmo modo, não se encontraram diferenças significativas relativamente à idade dos filhos (reprovador: $F_{(6, 347)} = 1.46$, $p = .19$; explorador: $F_{(6, 347)} = 1.93$, $p = .08$; aceitador: $F_{(6, 347)} = 2.13$, $p = .05$).

5. Discussão

Este estudo pretendeu estudar a dimensionalidade de um instrumento – a Parental Scale Self-Test – Versão Portuguesa – de avaliação dos estilos parentais relacionados com as emoções, numa amostra de pais com filhos adolescentes.

A Análise Fatorial Exploratória revelou uma estrutura distinta da escala original. Assim, a versão portuguesa da PSST é constituída por três fatores. O primeiro fator – reprovador de emoções – representa um estilo parental que não aceita e que rejeita as emoções negativas nos filhos. O segundo fator – explorador de emoções – caracteriza-se pela tentativa descobrir o que desencadeou a experiência emocional negativa, não estando presentes os comportamentos característicos de pais treinadores de emoções que

validam e ensinam a regular as emoções negativas. Assim, a experiência emocional negativa não é criticada, mas os pais não parecem adotar comportamentos que ensinem estratégias de regulação emocional de modo a facilitar a experiência de emocionalidade negativa, limitando-se apenas a explorar o que causou as emoções negativas. O terceiro fator – aceitador de emoções – considera as emoções negativas como naturais e positivas para o desenvolvimento, assim como uma oportunidade para o estabelecimento de proximidade com os filhos, ainda que não se torne explícita a forma como os pais aproveitam essa oportunidade (i.e., se ensinam estratégias de regulação emocional).

No que concerne às características psicométricas da versão portuguesa da PSST, os três fatores explicam 31.43% da variância total. O fator reprovador de emoções explica 13.75% da variância total e é composto por 29 itens, o fator explorador de emoções apresenta 11 itens e explica 11.41% da variância total, e o fator aceitador de emoções contém 8 itens e explica 6.27% da variância total. Os itens apresentam boas correlações item-total, acima de .26, e distribuem-se segundo um padrão teórico congruente nos diversos fatores. Os fatores apresentam assim bons valores de consistência interna (reprovador de emoções: $\alpha = .87$; explorador de emoções: $\alpha = .85$), com exceção do fator aceitador de emoções que não apresentou uma consistência interna tão elevada ($\alpha = .71$), mas que é considerada adequada.

Quanto à diferença dos estilos parentais quanto ao género, os resultados obtidos convergem no sentido daqueles encontrados por outros autores (Hakim-Larson et al., 2006; Klimes-Dougan et al., 2007; Stocker et al., 2007; Paterson et al., 2012). Verificou-se que os pais do género feminino apresentam valores mais elevados no estilo parental explorador de emoções do que os pais do género masculino e que não existem diferenças significativas quanto ao género ou idade dos filhos. No que respeita à associação entre os fatores, encontrou-se uma associação negativa entre o fator reprovador de emoções e os fatores explorador e aceitador de emoções, sugerindo que os pais que se descrevem como reprovadores não revêm em si as características de exploradores ou de aceitadores de emoções. Por outro lado, estes dois últimos fatores estão associados positiva e significativamente, sugerindo que quando se obtém pontuação elevada num, obtém-se pontuação elevada noutro. Esta associação é adequada teoricamente, já que ambos os fatores aceitam a experiência de emoções negativas e parecem constituir estilos de socialização emocional que visam ajudar os filhos a lidar com as suas emoções negativas. Parece fazer sentido que quando um pai considera as emoções negativas

como positivas e como uma oportunidade de aprendizagem e aproximação, procure também explorar as razões que estão na base dessas emoções (e vice-versa).

À semelhança do que aconteceu em estudos prévios, os fatores desvalorizador e reprovador da escala original aglutinaram-se num só. No estudo psicométrico de Lee (1999) estes dois fatores já apresentavam um elevado coeficiente de correlação ($r = .61$) e na versão de reduzida da ERPSST-L de Paterson et al. (2012) os mesmos fatores deram origem a um único fator de rejeição parental. Deste modo, os itens destes fatores parecem representar apenas a rejeição da experiência emocional negativa, ao invés de dois estilos parentais distintos (Paterson et al., 2012). Além disto, Gottman & Declaire (1997) pressupõem que estes dois estilos parentais têm as mesmas consequências nos filhos, o que se verificou no estudo de Hakim-Larson et al. (2006). No que respeita ao estilo parental *laissez-faire* presente na escala original, o mesmo não se manteve nesta versão da PSST e nenhum dos itens que o constituíam foi retido. De facto, é possível verificar que nos diversos estudos acerca das propriedades psicométricas da escala (Hakim-Larson et al., 2006; Lee, 1999) este fator apresentava os valores de consistência interna mais baixos, de tal modo que no estudo de Paterson et al. (2012) apenas dois itens se mantiveram no fator incerteza/ineficácia na socialização de emoções. Assim, os itens que compõem os fatores explorador de emoções e aceitador de emoções na versão portuguesa da PSST provêm apenas do fator da escala original treinador de emoções, tal como aconteceu na versão reduzida da escala proposta por Paterson et al. (2012). Não obstante, é de realçar que apesar de os itens que compõem estes dois fatores provirem originalmente do fator treinador de emoções, o conteúdo dos mesmos não parece refletir claramente as verdadeiras características de pais treinadores de emoções, tal como Gottman & Declaire (1997) os conceptualiza. Os fatores explorador e aceitador de emoções caracterizam-se pela tentativa de perceber o que causa a experiência emocional negativa e consideram como positivas as emoções positivas encarando-as como uma oportunidade de se aproximarem dos filhos, mas não têm presentes as características de um estilo parental treinador de emoções que além de aceitar, empatiza e valida emoções, e ensina a identificá-las e a regulá-las. A par disto, verificou-se ainda que em nenhuma versão da PSST existem itens referentes à filosofia meta emocional dos pais sobre outras emoções negativas, tais como a ansiedade ou o medo, que também constam do reportório emocional dos filhos e às quais os pais também reagem.

Apresentam-se de seguida as limitações deste estudo e orientações para investigações futuras. Uma potencial limitação diz respeito à amostra devido à predominância

de pais do género feminino, pelo que em estudos posteriores será importante ter amostras mais equilibradas. Por outro lado, o tamanho da amostra do presente estudo encontra-se dentro dos critérios estabelecidos para fazer um estudo psicométrico, em comparação com outras investigações (Hakim-Larson et al., 2006; Lee, 1999; Paterson et al., 2012) que apresentavam amostras mais pequenas. A validade convergente e divergente desta versão da PSST não foi analisada, devendo também ser estudada em investigações futuras. Do mesmo modo, seria importante estudar a estabilidade temporal, bem como realizar uma análise confirmatória da estrutura obtida. Tendo em consideração a ausência de um fator que traduza o estilo parental treinador de emoções, proposto por Gottman & Declaire (1997), poderia ser interessante desenvolver itens que o representassem distintamente e também incluir itens acerca de outras emoções (além da raiva e da tristeza), de modo a analisar o estilo de socialização que os pais apresentam perante essas emoções. A inclusão destes itens permitiria fazer uma análise mais qualitativa sobre a forma como os pais poderão lidar diferencialmente com a raiva, a tristeza, a ansiedade, o medo, entre outras. Também seria importante estudar outras versões da escala, nomeadamente a ERPSST-L, dado que no estudo de Lee (1999) o formato de resposta dicotómica foi uma desvantagem apontada pelos pais, de modo a encontrar a estrutura de resposta (escala de Likert em vez de dicotómica) que melhor se adegue à população portuguesa.

A PSST, construída sobre o modelo teórico das filosofias meta-emocionais, apresenta-se como uma mais-valia para os contextos de avaliação, de intervenção e de prevenção com pais de filhos adolescentes, etapa desenvolvimental para a qual não parecem existir muitas investigações que estudem o papel das filosofias meta-emocionais dos pais nos adolescentes. Deste modo, o presente estudo constitui um passo inicial no estudo e na adaptação das propriedades psicométricas da PSST numa amostra da população portuguesa, que acrescenta dados aos já existentes e que dá informação sobre linhas de investigação futuras.

6. Referências

Fabes, R. A., Poulin, R. E., Eisenberg, N., & Madden-Derdich, D. A. (2002). The Coping with Children's Negative Emotions Scale (CCNES): Psychometric proper-

- ties and relations with children's emotional competence. *Marriage & Family Review*, 34(3-4), 285-310. doi:10.1300/J002v34n03_05
- Field, A. P. (2009). *Discovering statistics using SPSS* (3rd ed.). London, England: Sage Publications, Inc.
- Gottman, J. M., & Declaire, J. (1997). *The heart of parenting: How to raise an emotionally intelligent child*. New York, NY: Simon & Schuster.
- Gottman, J. M., Katz, L. F., & Hooven, C. (1996). Parental meta-emotion philosophy and the emotional life of families: theoretical models and preliminary data. *Journal of Family Psychology*, 10(3), 243-268. doi:10.1037/0893-3200.10.3.243
- Gupta, D. (2012). *Cultural differences in maternal emotion socialization of anxiety and anger in young children: Links with temperament* (Doctoral dissertation). Retrieved from http://digilib.gmu.edu/xmlui/bitstream/handle/1920/8093/Gupta_gmu_0883E_10218.pdf?sequence=1
- Hakim-Larson, J., Parker, A., Lee, C., Goodwin, J., & Voelker, S. (2006). Measuring parental meta-emotion: psychometric properties of the emotion-related parenting styles self-test. *Early Education & Development*, 17(2), 229-251. doi: 10.1207/s15566935eed1702_2
- Katz, L. F., & Hunter, E. C. (2007). Maternal meta-emotion philosophy and adolescent depressive symptomatology. *Social Development*, 16(2), 343-360. doi: 10.1111/j.1467-9507.2007.00388.x
- Katz, L. F., Maliken, A. C., & Stettler, N. M. (2012). Parental meta-emotion philosophy: a review of research and theoretical framework. *Child Development Perspectives*, 6(4), 417-422. doi:10.1111/j.1750-8606.2012.00244.x

- Katz, L. F., & Windecker-Nelson, B. (2004). Parental meta-emotion philosophy in families with conduct-problem children: links with peer relations. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 32(4), 385-398. doi: 10.1023/b:jacp.0000030292.36168.30
- Katz, L. F., & Windecker-Nelson, B. (2006). Domestic violence, emotion coaching, and child adjustment. *Journal of Family Psychology*, 20(1), 56-67. doi:10.1037/0893-3200.20.1.56
- Klimes-Dougan, B., Brand, A. E., Zahn-Waxler, C., Usher, B., Hastings, P. D., Kendziora, K., & Garside, R. B. (2007). Parental emotion socialization in adolescence: differences in sex, age and problem status. *Social Development*, 16(2), 326-342. doi:10.1111/j.1467-9507.2007.00387.x
- Lagace-Seguin, D. G., & Coplan, R. J. (2005). Maternal emotional styles and child social adjustment: Assessment, correlates, outcomes and goodness of fit in early childhood. *Social Development*, 14(4), 613-636. doi:10.1111/j.1467-9507.2005.00320.x
- Lee, C. H. (1999). *The parenting styles self-test: reliability and construct validity* (Master's thesis, University of Windsor, Ontario, Canada). Retrieved from <http://scholar.uwindsor.ca/etd/4142/>
- Linehan, M. M., Paul, E., & Egan, K. J. (1983). The parent affect test: Development, validity, and reliability. *Journal of Clinical Child Psychology*, 12(2), 161-166. doi:10.1080/15374418309533125
- Marôco, J. (2010). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações*. Sintra, Portugal: Report Number.

- Osborne, J. W., Costello, A. B., & Kellow, J. T. (n.d.). Best practices in exploratory factor analysis. *Best Practices in Quantitative Methods*, 86-99.
doi:10.4135/9781412995627.d8
- Paterson, A. D., Babb, K. A., Camodeca, A., Goodwin, J., Hakim-Larson, J., Voelker, S., & Gragg, M. (2012). Emotion-related parenting styles (ERPS): a short form for measuring parental meta-emotion philosophy. *Early Education & Development*, 23(4), 583-602. doi:10.1080/10409289.2011.569316
- Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. (2005). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS* (4th ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Shortt, J. W., Stoolmiller, M., Smith-Shine, J. N., Mark Eddy, J., & Sheeber, L. (2010). Maternal emotion coaching, adolescent anger regulation, and siblings' externalizing symptoms. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 51(7), 799-808.
doi:10.1111/j.1469-7610.2009.02207.x
- Streiner, D. L., & Norman, G. R. (2003). *Health measurement scales: A practical guide to their development and use*. Oxford: Oxford University Press.
- Stocker, C. M., Richmond, M. K., Rhoades, G. K., & Kiang, L. (2007). Family emotional processes and adolescents' adjustment. *Social Development*, 16(2), 310-325. doi:10.1111/j.1467-9507.2007.00386.x
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2007). *Using multivariate statistics*. Boston: Pearson/Allyn & Bacon.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2013). *Using multivariate statistics* (6th ed.). NJ: Pearson Education.
- Yong, A. G., & Pearce, S. (2013). A beginner's guide to factor analysis: focusing on exploratory factor analysis. *Tutorials in Quantitative Methods for Psychology*, 9(2), 79-94. doi:10.20982/tqmp.09.2.p079

Artigo II

Silva, E. F., Matos, A. P., & Costa, J. J. (2016) Estudo do efeito moderador dos estilos parentais na relação entre ansiedade social e sintomatologia depressiva nos adolescentes.

Estudo do efeito moderador dos estilos parentais na relação entre ansiedade social e sintomatologia depressiva nos adolescentes

Resumo

A comorbilidade entre ansiedade social e depressão é elevada, estando bem estabelecida a relação que existe entre ambas as perturbações, nomeadamente na adolescência. Os estilos parentais relacionados com as emoções, especificamente os que surgem no âmbito da teoria das filosofias meta-emocionais, têm sido apresentados como variáveis de influência no desenvolvimento de competências sociais e de sintomatologia depressiva. O presente estudo pretende explorar o efeito moderador dos estilos parentais na relação entre ansiedade social e depressão na adolescência, assim como estudar as associações existentes entre ansiedade social e sintomatologia depressiva nos adolescentes e analisar a relação entre os estilos parentais, a sintomatologia ansiosa e depressiva nos filhos adolescentes. A amostra é constituída por 122 pais e respetivos filhos, integrados num projeto de investigação sobre a prevenção da depressão em adolescentes. Recorreu-se a instrumentos de autorresposta para avaliar a ansiedade social (Multidimensional Anxiety Scale for Children March, et al. 1997; versão portuguesa: Salvador et al., 2015), a sintomatologia depressiva (Children's Depression Inventory; Kovacs, 1985; versão portuguesa: Marújo, 1994) e os estilos parentais (Parental Scale Self-Test; Gottman & Declaire, 1997; versão portuguesa: Matos, A. P., Costa, J. J., Pinheiro, M. R., & Silva, E. F., 2016). Verificou-se que a ansiedade social se associa significativamente com depressão e que apresenta um efeito preditor sobre a mesma no modelo de regressão. Os estilos parentais não revelaram associações significativas quer com sintomatologia depressiva, quer com ansiedade social. Também não se revelaram preditores de depressão, mas encontrou-se um efeito moderador do estilo parental explorador de emoções na relação entre ansiedade social (desempenho público) e sintomatologia depressiva. Descobriu-se que o estilo parental explorador de emoções parece não assumir um carácter protetor de sintomatologia depressiva quando a ansiedade social (desempenho público) é elevada, podendo até ser prejudicial. Apresentam-se as limitações do estudo, bem como possíveis direções de investigação futura, nomeadamente acerca do estudo da influência dos estilos parentais nas capacidades de regulação emocional dos filhos e possível efeito mediador destas na relação entre ansiedade social e depressão.

Palavras-chave: Ansiedade social, Depressão, Estilos parentais, Moderação, Adolescência

Abstract

The comorbidity between depression and social anxiety is high, with the relationship between these two disorders being well established, particularly in adolescence. Parenting styles related to emotions, especially those that arise in the context of the theory of meta-emotional philosophies, have been presented as influencing variables in the development of social skills and depressive symptomatology. This study aims to explore the moderating effect of parenting styles on the relationship between social anxiety and depression in adolescence. It also aims to study the associations between social anxiety and depression in adolescents and to analyze the relationship between parenting styles, the anxiety symptomatology and the depressive symptomatology in teenage children. The sample consisted of 122 parents and their children, integrated into a research project on the prevention of depression in adolescents. Self-response instruments were used to assess social anxiety (Multidimensional Anxiety Scale for Children, March, et al 1997; Portuguese version: Salvador et al., 2015), depressive symptomatology (Children's Depression Inventory, Kovacs, 1985; Portuguese version: Marújo, 1994) and parenting styles (Parenting Scale Self-Test, Gottman & Declaire, 1997; Portuguese version: Matos, A. P., Costa, J. J., Pinheiro, M. R., & Silva, E. F., 2016). It was found that social anxiety is significantly associated to depression and that the former has a predictive effect on the latter, in the regression model. The parenting styles revealed no significant associations with either depressive symptomatology or with social anxiety. No predictors of depression were revealed, but a moderating effect of emotions' explorer was found, in the relationship between social anxiety (public performance) and depressive symptomatology. It was found that emotions' explorer seems not to assume a protective nature against depressive symptomatology when social anxiety (public performance) is high, and that it may even be harmful. The limitations of the study and possible directions for future research are presented, particularly regarding the study of the influence of parenting styles in the emotional regulation skills of children and possible mediating effects of these on the relationship between social anxiety and depression.

Keywords: Social Anxiety, Depression, Parenting Styles, Moderation, Adolescence

1. Introdução

Adolescência e Depressão

A adolescência é uma etapa de transição entre a infância e a idade adulta caracterizada por transformações físicas, sociais e emocionais que surgem como fundamentais para a aquisição de autonomia em relação à família e para a construção da identidade do *eu* (Cicchetti & Toth, 2009). Não obstante, as mudanças e os desafios desenvolvimentais característicos desta faixa etária quando não são integrados adaptativamente podem constituir fatores de risco para o desenvolvimento de psicopatologia, particularmente perturbações depressivas (Abela & Hankin, 2008; Rao & Cohen, 2009).

A depressão tem como sintomas prementes o humor deprimido e a anedonia podendo o humor, no caso das crianças e adolescentes, ser predominantemente caracterizado por irritabilidade (American Psychiatric Association, 2013). De resto, nesta faixa etária, a sintomatologia depressiva expressa-se sobretudo através da perda de energia, da hipersônia, do aumento de peso, da sensação de desesperança e da ideação suicida (Yorbik, Birmaher, Axelson, Williamson, & Ryan, 2004).

Enquanto na infância a prevalência da depressão varia entre 0.4% e 2.5%, durante a adolescência estas percentagens aumentam consideravelmente atingindo valores entre os 4% e os 24% (Cummings & Fristad, 2008), sendo que, segundo Abela e Hankin (2008), aos 14 anos 9 % dos adolescentes já terão experienciado pelo menos um episódio depressivo major. De salientar que estudos (Essau, Lewinsohn, Seeley, & Sasagawa., 2010; Hankin, Wetter, & Cheely, 2008) mostram taxas mais elevadas de depressão no género feminino, apresentando este, segundo Saluja et al. (2004), uma prevalência de cerca do dobro em relação ao género masculino.

A presença destes sintomas interfere significativamente com o funcionamento psicossocial dos adolescentes. Entre os prejuízos mais comumente associados à depressão na adolescência encontram-se o baixo rendimento escolar, o aumento dos conflitos com a família, o aumento do consumo de substâncias, o aumento de problemas de comportamentos e o risco elevado de suicídio (Arnarson & Craighead, 2009; Rao & Cohen, 2009).

De acordo com Essau et al. (2010) a probabilidade de ocorrerem novos episódios depressivos é tanto maior quanto mais cedo se manifestar a depressão, pelo que se torna urgente perceber os fatores de risco que predispõem o seu desenvolvimento na adolescência.

Ansiedade Social e Depressão

A perturbação de ansiedade social caracteriza-se pelo medo ou ansiedade acentuados em situações sociais em que o indivíduo possa ser alvo de escrutínio pelos outros (APA, 2013). Esta perturbação tem um grave impacto no funcionamento diário dos adolescentes, nomeadamente ao nível psicológico, social e escolar, tendendo a manter-se ao longo do desenvolvimento (Rao et al., 2007; APA, 2013).

A ansiedade social é considerada a perturbação de ansiedade mais frequente em doentes com depressão (Belzer & Schneier, 2004), surgindo estas perturbações frequentemente comórbidas na adolescência (Beidel et al., 2007; Chavira, Stein, Bailey, & Stein, 2004; Ranta, Kaltiala, Rantanen, & Marttunen, 2009). Estudos epidemiológicos encontraram que a percentagem de adolescentes que têm ansiedade social em comorbidade com perturbações depressivas varia entre 28 e 41% (Chavira et al. 2004; Essau, Conradt, & Petermann, 1999; Ranta et al. 2009; Wittchen, Stein & Kessler, 1999).

Acresce a isto o facto de, no que respeita à relação temporal entre as duas perturbações, a ansiedade social preceder o desenvolvimento de depressão na adolescência (Beesdo et al. 2007; Chavira et al, 2004; Dalrymple & Zimmerman, 2011; Stein et al. 2001), o que sugere que esta é preditora de depressão. Beesdo et al. (2007), num estudo longitudinal de 10 anos com participantes com idades compreendidas entre os 14 e os 24 anos no início do estudo e entre os 21 e os 34 no tempo de follow-up, constataram que o risco de depressão é duas vezes superior em indivíduos com ansiedade social em comparação com os indivíduos sem a perturbação. Também Aune e Stiles (2009), numa amostra de adolescentes entre os 11 e os 14 anos descobriram que o nível de sintomas referentes à ansiedade social prediz significativamente o desenvolvimento de sintomatologia depressiva e que o contrário não se verifica.

Variáveis como vulnerabilidade genética, psicopatologia parental (especificamente, perturbações de ansiedade e depressão) e temperamento (nomeadamente, inibição comportamental) têm sido encontradas como fatores de risco comuns para a ansiedade social e depressão nos adolescentes (Epkins & Heckler, 2011). Alguns estudos (Drost, Van denr Does, Van Hemert, Pennix, & Spinhoven, 2014; Grant et al.,2014) têm também explorado o papel da regulação emocional na comorbidade presente entre ansiedade social e depressão, tendo encontrado que a regulação emocional medeia a relação entre estas perturbações.

De notar que a elevada comorbidade entre depressão e ansiedade social está associada a um prejuízo mais severo no funcionamento, a uma maior probabilidade de

recaída e, em geral, a um pior prognóstico do que quando as perturbações se apresentam isoladamente (Dalrymple, & Zimmerman, 2007, 2011; Ruscio et al, 2008; Stein et al, 2001).

Filosofia Meta-Emocional

A filosofia meta-emocional é um conceito introduzido por Gottman, Katz, & Hooven (1996) que diz respeito ao “conjunto organizado de sentimentos e de pensamentos que os pais têm sobre as suas emoções e as dos seus filhos” (Gottman, 1996, p. 243). De acordo com a teoria de Gottman, a filosofia meta-emocional dos pais determina a expressão e a regulação das suas emoções, constituindo o substrato para as atitudes que os pais vão ter perante a experiência emocional dos filhos. Cada filosofia meta-emocional envolve em diferentes graus as dimensões de aceitação, de consciência e de treino no que concerne às emoções dos filhos, pelo que delas decorrem estilos de socialização emocional distintos (Gottman et al., 1996; Gottman & Declaire, 1997; Katz, Maliken, & Stettler, 2012).

Gottman & Declaire (1997) propõem quatro estilos parentais de socialização emocional. Dois deles, o treinador de emoções e o *laissez-faire*, caracterizam-se pela aceitação e validação da experiência emocional negativa (emoções usualmente indesejadas, como a tristeza e a raiva). Não obstante, enquanto os pais treinadores de emoções empatizam, validam, ensinam a identificar, a regular e a expressar as emoções de forma adequada, os pais *laissez-faire* não estabelecem limites à expressão emocional e não ensinam competências de regulação emocional. Por outro lado, os estilos de socialização emocional desvalorizador e desaprovador não aceitam as emoções negativas dos filhos. Respetivamente, os pais trivializam e ignoram a experiência emocional negativa, ou rejeitam, criticam e repreendem os filhos quando estes a manifestam. Estes pais consideram que as emoções negativas não têm sentido ou que são uma forma de manipulação e que, por isso, não são importantes; ou acreditam que as emoções negativas são inapropriadas, um sinal de fraqueza ou que revelam traços de personalidade nocivos, pelo que devem ser controladas e suprimidas.

Gottman et al. (1996) mostram que as filosofias meta-emocionais se relacionam com os comportamentos parentais no que concerne às emoções dos filhos (e.g, validação, discussão e partilha de emoções). Além disto, modelos de socialização emocional (Gottman & Declaire, 1997; Morris, Silk, Steinberg, Myers, & Robinson, 2007) pro-

põem que as competências de regulação emocional dos filhos medeiam a relação entre as práticas parentais baseadas nas filosofias meta-emocionais e o ajustamento dos filhos. Deste modo, o modelo teórico da filosofia meta-emocional sugere que estas têm influência em três aspetos fundamentais das competências emocionais dos filhos: consciência das emoções, expressão das mesmas e regulação emocional, sendo que estas competências emocionais parecem estar associadas com as relações com os pares e o ajustamento psicossocial dos filhos (Katz, et. al 2012). Vários estudos (Gottman et. al, 1996; Fivush, 2007; Lunkenheimer, Shields, & Cortina, 2007; Ramsden & Hubbard, 2002) mostram que os filhos de pais que aceitam e guiam a experiência de emoções negativas apresentam mais competências de regulação emocional e um maior conhecimento emocional. De igual modo, filhos cujos pais são treinadores de emoções apresentam mais competências sociais e relações próximas com os pares, em comparação com os pais que são mais punitivos e desvalorizadores (Fabes, Leonard, Kupanoff, & Martin, 2001; Gottman et al. ,1996; Katz & Windecker-Nelson, 2004; Katz, Hunter, & Klowden, 2008).

Filosofia meta-emocional, ansiedade social e depressão

A investigação sobre os estilos de socialização emocional, baseados na filosofia meta-emocional, tem sido sobretudo realizada com crianças (como são exemplo os estudos referidos acima), porém alguns estudos começam a mostrar que as filosofias meta-emocionais dos pais também se relacionam com a experiência emocional dos filhos adolescentes. Numa amostra de adolescentes com sintomatologia depressiva, os filhos de mães mais aceitantes e expressivas das suas próprias emoções apresentavam menor sintomatologia depressiva, auto-estima mais elevada e menos problemas internalizantes e externalizantes (Katz & Hunter, 2007). Também numa amostra de adolescentes com depressão, Hunter et al. (2010) mostraram que filhos de mães mais treinadoras e conscientes de emoções apresentam filosofias meta-emocionais mais adaptativas e proactivas no que respeita à experiência emocional negativa. No que diz respeito a competências sociais, estudos (Buckholdt, Kitzmann, & Cohen, 2014a; Buckholdt, Parra, & Jobe-Shields, 2014b) descobriram que um estilo parental treinador de emoções adotado por mães se encontra associado a maior sociabilidade e respeito entre pares, assim como a uma visão otimista das amizades e a menor solidão nos filhos adolescentes. Além disto, Buckholdt et al. (2014b) encontrou que um estilo parental treinador de emoções tem um efeito protetor sobre a perceção que os filhos têm das suas competên-

cias sociais quando se verificam relações pobres com os pares. Estudos (Buckholdt et al., 2014b; Stocker, Richmond e Rhoades, 2007; Yap, Schwartz, Byrne, Simmons, & Allen, 2010) mostram, em amostras de adolescentes, que a invalidação ou repreensão da expressão emocional negativa se relacionam com um aumento da sintomatologia inter-nalizante (nomeadamente, depressão) através de estratégias de regulação emocional.

Uma vez que as filosofias meta-emocionais se relacionam com a emocionalidade negativa e regulação emocional, assim como influenciam o desenvolvimento de compe-tências sociais, é importante estudar o seu papel na relação bem conhecida que se esta-belece entre ansiedade social e depressão. Deste modo, a presente investigação tem como objetivos: i) estudar as associações existentes entre a ansiedade social e a sinto-matologia depressiva nos adolescentes; ii) analisar a relação entre os estilos parentais e a sintomatologia ansiosa e a sintomatologia depressiva nos filhos adolescentes; iii) tes-tar o efeito moderador dos estilos parentais na relação entre a ansiedade social e a sin-tomatologia depressiva.

2. Metodologia

2.1 Participantes

A amostra do presente estudo insere-se no projeto de investigação “Prevenção da depressão em adolescentes portugueses: estudo de eficácia de uma intervenção com adolescentes e pais”, sendo constituída por 122 alunos e respetivos pais que participa-ram de forma voluntária e anónima. Na amostra de filhos 95 (77.9%) são do género feminino e 27 (22.1%) do género masculino, variando as suas idades entre os 12 e os 18 anos ($M = 14.08$; $DP = 0.96$). No que concerne aos pais 107 (88.4%) são do género feminino e 14 (11.6%) do género masculino, encontrando-se as suas idades entres os 34 e os 67 anos ($M = 43.54$; $DP = 5.78$). Relativamente à distribuição dos estilos parentais, de acordo com a PSST, verifica-se que 95% dos pais são exploradores de emoções, 3% são aceitadores de emoções e 2% são reprovadores de emoções.

2.2 Instrumentos

Children's Depression Inventory

O CDI (Kovacs, 1983; versão Portuguesa: Marújo, 1984) é um instrumento de autorresposta, composto por 27 itens adaptados à faixa etária dos 7 aos 17 anos, que avalia a sintomatologia depressiva em crianças/adolescentes (Dias & Gonçalves, 1999). A escala de resposta é do tipo Likert contendo cada um dos 27 itens 3 frases classifica-

das entre 0 (“ausência de sintoma”) e 2 (“sintoma definitivo”), sendo a cotação determinada através do somatório da pontuação de todos os itens. O resultado total da escala pode variar entre 0 e 54, de tal modo que quanto mais elevado o resultado maior a gravidade dos sintomas depressivos (Smucker, Craighead, & Green, 1986). À criança/adolescente é pedido que escolha a frase que melhor traduz os sentimentos experienciados nas duas últimas semanas.

O instrumento demonstrou bons valores de consistência interna (alfa de Cronbach entre .83 e .94) para o total da escala (Kovacs, 1985). Relativamente ao comportamento da escala na população portuguesa a consistência interna encontrada foi de .80 (Dias & Gonçalves, 1999; Marújo, 1994). No presente estudo o coeficiente de Alpha obtido foi de .83.

Multidimensional Anxiety Scale for Children

A *MASC* (March, et al. 1997; versão portuguesa: Salvador et al., 2015) avalia sintomas ansiosos em crianças/adolescentes, com idades compreendidas entre os 8 e os 19 anos. O instrumento é composto por 39 itens que se dividem em quatro fatores, três dos quais com dois subfatores: sintomas físicos, que apresenta os subfatores tensão e somatização; evitamento do perigo, com os subfatores perfeccionismo e coping ansioso; ansiedade social que tem como subfatores humilhação e desempenho público; e ansiedade de separação. O sistema de pontuação é do tipo Likert numa escala de 4 pontos, que varia de 0 (“nunca verdadeiro”) e 3 (“frequentemente verdadeiro”). Às crianças/adolescentes é pedido que para cada item assinalem com um círculo o número que indica com que frequência a afirmação é verdadeira sobre si.

O coeficiente de Alpha obtido na escala original para o total da escala e respetivos subfatores variou entre .84 e .90 (March et al., 1997). Na versão portuguesa (Salvador et al., 2015) o coeficiente de Alpha obtido para o total da escala foi .89. Para o fator ansiedade social o coeficiente de Alpha foi de .85, obtendo o subfactor humilhação/rejeição um coeficiente de .86 e o subfactor desempenho público .69. No presente estudo apenas foi utilizado o fator ansiedade social e os subfatores humilhação/rejeição e desempenho público que obtiveram, respetivamente, um coeficiente de Alpha de .85, .87 e .70.

Parenting Styles Self-Test

A PSST (Parenting Styles Self-Test, Gottman & Declaire, 1997; Versão Portuguesa: Matos, A. P., Costa, J. J., Pinheiro, M. R., & Silva, E. F., 2016) é um instrumento de autorresposta que pretende avaliar de que modo os pais pensam as emoções, como a tristeza e a raiva, e de como lhes reagem, e pretende determinar o estilo pelo qual os pais ensinam os seus filhos a reconhecer, expressar e lidar com as emoções (Gottman, 1997).

O instrumento é composto por 48 itens, correspondendo 29 itens ao estilo parental reprovador de emoções (e.g., As crianças que agem como se estivessem tristes, usualmente estão a tentar que os adultos sintam pena delas), 11 itens ao estilo parental explorador de emoções (e.g., É importante ajudar a criança a descobrir o que lhe causou ira (raiva ou zanga), 8 itens ao estilo parental aceitador de emoções (e.g., Eu quero que o meu filho tenha a experiência de tristeza ou do que é estar triste.). O formato de resposta é dicotómico (Verdadeiro/Falso), sendo que os itens assinalados com V (verdadeiro) são pontuados com 1. Estas pontuações são somadas em cada fator e divididas pelo nº de itens do fator correspondente. O resultado mais elevado corresponde estilo parental predominante do pai que responde.

Relativamente às características psicométricas a versão portuguesa da PSST revelou no geral bons valores de alfa (reprovador = .87; explorador = .85). Apenas o fator aceitador de emoções não apresentou uma consistência interna tão elevada ($\alpha = .71$). No presente estudo o coeficiente de Alpha obtido para o estilo parental reprovador, explorador e aceitador de emoções foi, respetivamente, .82, .72 e .67.

2.3 Procedimento

As entidades nacionais que regulam a investigação científica autorizaram este estudo aos alunos e respetivos pais que aceitaram participar na investigação. Foi-lhes assegurada a confidencialidade e pedido para assinarem um consentimento informado. O protocolo de avaliação dos pais era enviado para casa para ser preenchido, enquanto os alunos preenchiam os instrumentos na escola.

2.4 Estratégia Analítica

O tamanho da amostra para executar regressões múltiplas hierárquicas teve em conta o critério estabelecido por Field (2009) que exige 10 casos por preditor.

A normalidade das variáveis em estudo foi analisada através do Teste de Kolmogorov-Smirnov, considerando-se que um resultado não significativo (K-S, $p > .05$) indica normalidade. O enviesamento em relação à média foi estudado através dos valores de assimetria $<|3|$ e de achatamento $<|10|$ (Kline, 2011).

A adequação dos dados para a realização da regressão múltipla hierárquica foi estudada através dos pressupostos de linearidade, homocedasticidade, autocorrelação e normalidade dos resíduos.

As diferenças entre géneros foram analisadas através do teste t de Student para amostras independentes, considerando-se a existência de resultados estatisticamente significativos para $p \leq .05$ (Marôco, 2010).

As associações entre as variáveis foram exploradas por intermédio do teste de Pearson, recorrendo-se aos critérios de Pestana e Gageiro (2005) para interpretar os coeficientes de correlação. Assim, um coeficiente de correlação inferior a .20 traduz uma associação muito baixa entre as variáveis; um valor entre .21 e .39 uma associação baixa; entre .40 e .69 uma moderada; entre .70 e .89 elevada; e superior a .90 muito elevada.

Para se averiguar o efeito preditor da ansiedade social e dos estilos parentais na sintomatologia depressiva na adolescência, analisaram-se os coeficientes de regressão obtidos através dos modelos de regressão linear múltipla.

O efeito moderador dos estilos parentais na relação entre ansiedade social e sintomatologia depressiva nos filhos foi testado através de modelos de regressão múltipla hierárquica, onde se estabeleceu como variável critério a sintomatologia depressiva do adolescente. Deste modo, procedeu-se à estandardização das variáveis independentes e moderadoras, que permite uma redução de eventuais questões de multicolinearidade (Marôco, 2010). Criaram-se ainda as variáveis do termo de interação multiplicando-se a variável preditora (ansiedade social; MASC) e a variável moderadora (estilos parentais; PSST). Nas regressões, fez-se entrar em primeiro lugar um dos fatores da variável preditora, seguindo-se um dos fatores da variável moderadora e, por fim, a interação entre ambas.

Todo o tratamento estatístico foi realizado através do programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences – versão 22*) para Windows.

3. Resultados

3.1 Análise preliminar dos dados

A normalidade das variáveis em estudo foi analisada através do teste de Kolmogorov-Smirnov, que mostra uma distribuição normal para a sintomatologia depressiva (K-S, $p > .05$) e uma distribuição não normal para as restantes variáveis (K-S, $p < .05$). Porém, quando analisado o enviesamento em relação à média verificou-se que nenhuma das variáveis apresenta desvios que coloquem em causa este tipo de distribuição dado que são considerados aceitáveis valores de assimetria $<|3|$ e de kurtose $<|10|$ (Kline, 2011). Realizaram-se ainda os testes para examinar a adequação dos dados para a realização da regressão múltipla hierárquica, os quais se mostraram próprios em termos de multicolinearidade [valores de tolerância $>.10$ e Valores de Inflação da Variância (VIF) <10], de linearidade, de homocedasticidade, de normalidade de resíduos e de independência dos erros (Durbin-Watson). Do mesmo modo, no que respeita às observações aberrantes (outliers), os valores da distância de Cook encontram-se < 1 , pelo que não se verifica um efeito expressivo na amostra (Pestana & Gageiro, 2008). Assim, a amostra revelou-se adequada para a análise de regressão.

3.2 Diferença entre géneros na sintomatologia depressiva, na ansiedade social e nos estilos parentais

Realizaram-se testes t de *Student* para amostras independentes com intuito de verificar se existem diferenças entre o género dos adolescentes na sintomatologia depressiva, na ansiedade social e nos estilos parentais. Verificou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre o género dos adolescentes na sintomatologia depressiva e na ansiedade social, tal como no estilo parental com que as suas emoções são socializadas (cf. Tabela 1).

Tabela 1.

Médias e Desvios-padrão para a amostra total de filhos ($N = 122$) e para ambos os gêneros, com testes *t* de Student para as diferenças de gênero

Variáveis	Amostra total ($N = 122$)		Raparigas ($n = 95$)		Rapazes ($n = 27$)		<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Sintomatologia Depressiva (CDI)	14.46	6.34	14.84	6.96	13.07	6.96	-1.282	.202
Ansiedade Social (MASQ)	1.67	.64	1.68	.63	1.58	.66	-.739	.461
Humilhação/Rejeição (MASQ)	1.74	.77	1.74	.78	1.76	.78	.085	.932
Ansiedade Desempenho Público (MASQ)	1.56	.67	1.61	.66	1.36	.66	1.731	.086
Reprovador de Emoções (PSST)	.45	.20	.45	.20	.43	.18	-.602	.548
Explorador de Emoções (PSST)	.93	.13	.93	.13	.95	.12	.681	.497
Aceitador de Emoções (PSST)	.43	.27	.42	.27	.44	.25	.32	.748

Nota. *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão; CDI = *Children's Depression Inventory*; MASQ = *Multidimensional Anxiety Scale for Children*; PSST = *Parenting Scale Self Test*

Para perceber se existiam diferenças nos estilos parentais relativamente ao gênero dos pais também se realizaram testes *t* de Student. Verificou-se que não existem diferenças significativas quanto aos estilos parentais consoante o gênero do progenitor (cf. Tabela 2).

Tabela 2.

Médias e Desvios-padrão para a amostra total de pais ($N = 122$) e para ambos os gêneros, com testes *t* de Student para as diferenças de gênero

Variáveis	Amostra total ($N = 122$)		Mães ($n = 107$)		Pais ($n = 14$)		<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Reprovador de Emoções	.45	.20	.44	.20	.48	.21	.610	.543
Explorador de Emoções	.93	.13	.93	.12	.93	.15	.275	.784
Aceitador de Emoções	.43	.27	.43	.27	.41	.23	.354	.724

Nota. *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão; PSST = *Parenting Scale Self Test*

3.3 Estudo das associações entre ansiedade social, estilos parentais e sintomatologia depressiva

A associação entre sintomatologia depressiva, ansiedade social e estilos parentais foi estudada através de correlações de *Pearson* (cf. Tabela 3).

Os coeficientes de correlação de *Pearson* revelaram que a ansiedade social ($r = .40$, $p < .01$), a ansiedade de humilhação/rejeição ($r = .34$, $p < .01$) e a ansiedade de desempenho público ($r = .37$, $p < .01$) se correlacionam positiva e significativamente com a sintomatologia depressiva. Deste modo, as associações existentes sugerem que ansiedade social, e respetivas dimensões, elevadas levam a maiores níveis de sintomatologia depressiva. A associação entre ansiedade social e sintomatologia depressiva é considerada moderada, enquanto a associação entre a ansiedade de humilhação/rejeição e de desempenho público é classificada como baixa.

No que respeita aos estilos parentais, verificou-se que qualquer um deles obteve associações não significativas, quer com a ansiedade social, e respetivas dimensões, quer com a sintomatologia depressiva.

Tabela 3.

Correlações de Pearson (r) entre sintomatologia depressiva, ansiedade social e estilos parentais (N = 122)

Variável	1.	2.	3.	4.	5.	6.
1. Sintomatologia Depressiva (CDI)	1.00					
2. Ansiedade Social (MASQ)	.40**	1.00				
3. Humilhação/Rejeição (MASQ)	.34**	.92**	1.00			
4. Ansiedade Desempenho Público (MASQ)	.37**	.82**	.52**	1.00		
5. Reprovador de Emoções (PSST)	.12	.07	.03	.11	1.00	
6. Explorador de Emoções (PSST)	-.03	-.04	-.05	-.02	.07	1.00
7. Aceitador de Emoções (PSST)	.10	.02	.03	-.01	.14	.17

Nota. ** $p \leq .01$; CDI = *Children's Depression Inventory*; MASQ = *Multidimensional Anxiety Scale for Children*; MASQ = *Multidimensional Anxiety Scale for Children*; PSST = *Parenting Scale Self Test*

Foram também analisadas as associações entre as variáveis em estudo, apenas para o grupo das mães, devido à grande disparidade no número de mães (107 mães que correspondem a 88.4% do total da amostra) e de pais (14 pais que correspondem a 11.6% do total da amostra). Foi possível verificar que todos os resultados das correlações entre ansiedade social, respetivas dimensões e sintomatologia depressiva se mantiveram iguais às obtidas na amostra total. Por uma questão de extensão do texto não são apresentadas estas análises.

3.4 Estudo dos efeitos preditores

Com o objetivo de perceber se as dimensões da ansiedade social, isto é, ansiedade de desempenho público e de humilhação/rejeição, e os estilos parentais são preditores de sintomatologia depressiva, foram realizadas 2 análises de regressão múltipla.

Os resultados demonstraram que a ansiedade de humilhação/rejeição e a ansiedade de desempenho público produzem um modelo significativo ($R^2 = .166$; $F_{(2, 119)} = 11.871$, $p < .001$), que explica 16.6% da variância na sintomatologia depressiva. A ansiedade de desempenho público aparece como o melhor preditor de sintomatologia depressiva ($\beta = .264$, $p < .01$), seguindo-se a ansiedade de humilhação/rejeição ($\beta = .203$, $p < .05$). Salienta-se que os efeitos encontrados são positivos, pelo que ansiedade social mais elevada associa-se a maiores níveis de sintomatologia depressiva.

No que respeita à análise dos estilos parentais, estes não produziram um modelo significativo na predição de sintomatologia depressiva ($R^2 = .024$; $F_{(3, 118)} = .961$, $p =$

.414), explicando apenas 2.4% da variância na sintomatologia depressiva. Verificou-se, portanto, que os estilos parentais reprovador ($\beta = .112, p = .226$), explorador ($\beta = -.051, p = .581$) e aceitador ($\beta = .090, p = .336$) de emoções não surgiram como preditores de depressão.

O estudo dos efeitos preditores das dimensões da ansiedade social e dos estilos parentais foram também analisados apenas para o grupo das mães, devido à grande disparidade no número de mães (107 mães que correspondem a 88.4% do total da amostra) e de pais (14 pais que correspondem a 11.6% do total da amostra). Verificou-se que os modelos de predição produzidos com a ansiedade de humilhação/rejeição e a ansiedade de desempenho público permanecem significativos e que os modelos produzidos com os estilos parentais continuam a não predizer sintomatologia depressiva. De modo a prevenir a excessiva extensão do texto esses resultados não são apresentados.

3.5 Análise dos efeitos de moderação

O efeito moderador dos estilos parentais na relação entre ansiedade social e sintomatologia depressiva foi analisado através de regressões lineares múltiplas hierárquicas. Não se verificaram efeitos de interação significativos entre qualquer um dos estilos parentais e a ansiedade de humilhação/rejeição. O único moderador significativo na relação entre ansiedade social e sintomatologia depressiva foi a interação entre o estilo parental explorador de emoções e a ansiedade de desempenho público.

3.5.1 Efeito moderador do estilo parental explorador de emoções na relação entre ansiedade social e depressão

Como foi referido anteriormente, verificou-se um efeito moderador entre a ansiedade de desempenho público e o estilo parental explorador de emoções ($\beta = .182, p < .05$). Porém, quando se analisam as variáveis isoladamente verifica-se que o desempenho público prediz sintomatologia depressiva ($\beta = .369, p < .001$), mas que o estilo parental explorador de emoções não apresenta esse efeito sobre a sintomatologia depressiva ($\beta = -.021, p = .801$) (cf. Tabela 4).

Tabela 4.

Coefficientes de regressão dos três passos da regressão múltipla hierárquica entre o suporte/profundidade, o desempenho escolar e o termo de interação (N = 122)

Modelo	Preditores	β	t	p
1	Desempenho público	.369	4.353	.000
2	Desempenho público	.369	4.330	.000
	Explorador de emoções	-.021	-.252	.801
3	Desempenho público	.308	3.457	.001
	Explorador de emoções	-.009	-.103	.918
	Desempenho público*Explorador de emoções	.182	2.040	.044

A ansiedade de desempenho público e o estilo parental explorador de emoções originaram modelos estatisticamente significativos (cf. Tabela 5). Quando foi inserido o termo de interação, no terceiro passo, o modelo produzido foi igualmente significativo e verificou-se um acréscimo da variabilidade explicada em relação à sintomatologia depressiva, que aumentou para 16.6%.

Tabela 5.

Modelo dos três passos da regressão múltipla hierárquica para o suporte/profundidade, o desempenho escolar e o termo de interação (N = 122)

Modelo	R	R^2	F	p
1	.369	.136	18.946	.000
2	.370	.137	9.431	.000
3	.408	.166	7.842	.000

De seguida representa-se graficamente o efeito moderador obtido, que demonstra os resultados obtidos. Foram criados dois níveis (abaixo e acima da média) tanto para a variável ansiedade de desempenho público, como para a variável explorador de emoções.

Graficamente é possível observar-se que níveis mais elevados de ansiedade de desempenho público relacionam-se com maior sintomatologia depressiva na presença de um estilo parental explorador mais alto, em comparação com um estilo parental explorador de emoções mais baixo também na presença de um elevado nível de ansiedade de desempenho público (Gráfico 1).

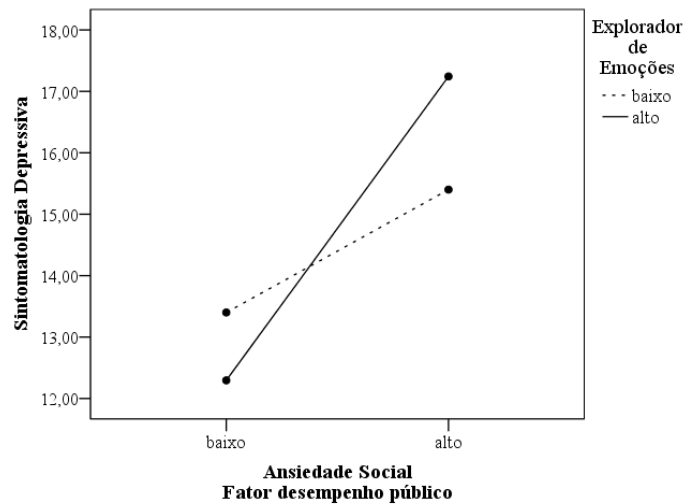


Gráfico 1: *Efeito moderador do estilo parental explorador de emoções na relação entre desempenho público e sintomatologia depressiva*

Foram realizados modelos de regressão hierárquica com as variáveis em estudo apenas para o grupo das mães, devido à grande disparidade no número de mães (107 mães que correspondem a 88.4% do total da amostra) e de pais (14 pais que correspondem a 11.6% do total da amostra). Verificou-se que os modelos de regressão hierárquica obtidos só para o grupo de mães não revelaram qualquer efeito de regressão significativo. Não se apresentam estes resultados para não tornar o texto longo.

4. Discussão

A relação entre ansiedade social e depressão tem sido repetidamente demonstrada na literatura (Beidel et al., 2007; Chavira et al. 2004; Essau et al., 1999; Ranta et al. 2009; Wittchen et al., 1999). Por outro lado, vários estudos (Fabes et al., 2001; Gottman et al., 1996; Katz & Windecker-Nelson, 2004; Katz, et al., 2008) têm demonstrado que as filosofias meta-emocionais influenciam o desenvolvimento de competências sociais e relacionam-se com menor emocionalidade negativa nos filhos. Especificamente, o estilo parental treinador de emoções, a partir do qual surgiram os estilos parentais explorador e aceitador de emoções na versão portuguesa da PSST de Matos et. al. (2016), tem sido apresentado como um fator protetor do desenvolvimento de sintomatologia internalizante, tal como pressupõe o modelo conceptual subjacente às filosofias meta-emocionais (Gottman et al., 1996; Gottman & Declaire, 1997; Katz et al., 2012). Nesta investigação foi analisada, num design transversal, a relação entre ansiedade social e a sintomatologia depressiva, a relação entre os estilos parentais, baseados nas filosofias meta-emocionais, e as sintomatologias ansiosa e depressiva nos filhos adolescentes, bem

como o efeito moderador dos estilos parentais na relação entre ansiedade social e depressão.

À semelhança da literatura revista, no presente estudo a ansiedade social e respectivas dimensões associaram-se significativamente com sintomatologia depressiva sugerindo que níveis mais elevados de ansiedade social e de ansiedade de desempenho público e de humilhação/rejeição, se associam com níveis mais elevados de sintomatologia depressiva. Os resultados obtidos com as análises de regressão corroboraram que ambas as dimensões de ansiedade social se apresentam como preditores significativos de sintomatologia depressiva, ou seja, adolescentes com mais ansiedade de desempenho público e de humilhação/rejeição tendem a desenvolver sintomatologia depressiva, o que vai de encontro a outros estudos realizados (Aune & Stiles, 2009; Beesdo et al. 2007; Chavira et al, 2004; Dalrymple & Zimmerman, 2011; Stein et al. 2001). A sintomatologia ansiosa parece vulnerabilizar os adolescentes para o desenvolvimento posterior de depressão e para que esta se apresente com níveis mais elevados, talvez devido à interferência que causa no seu funcionamento, nomeadamente no contexto escolar e de pares, e devido às estratégias desadaptativas de regulação emocional utilizadas (Drost, et al., 2014; Grant et al., 2014; Rao et al., 2007). Porém, não sendo este um estudo longitudinal não é possível estabelecer se é a ansiedade social que leva ao desenvolvimento de depressão ou o inverso, ainda que a literatura revista sugira a ansiedade social como um fator vulnerabilizador de depressão. Deste modo, seria importante desenvolver estudos longitudinais numa amostra portuguesa, de forma a poder tirar-se uma conclusão relativamente à direcionalidade desta relação. Estudos epidemiológicos (Chavira et al. 2004; Essau, et al., 1999; Ranta et al. 2009; Wittchen, et al., 1999) encontraram que a percentagem de adolescentes que têm ansiedade social em comorbilidade com perturbações depressivas varia entre 28 e 41%. Em comparação com estes valores, a percentagem de sintomatologia depressiva explicada pela ansiedade social no presente estudo não é muito elevada, mas considerando os vários fatores etiológicos e de manutenção de ambas as perturbações, o valor 16,6% de variância explicada é aceitável. De modo a conhecer melhor o fenómeno da comorbilidade entre ansiedade social e depressão são necessários estudos futuros em amostras clínicas e comunitárias de adolescentes portugueses.

Estilos parentais invalidantes da experiência emocional negativa, como é o caso do estilo parental reprovador, também são reconhecidos como preditores de sintomatologia depressiva, enquanto estilos parentais que aceitam e ajudam a regular essa expe-

riência emocional nos filhos diminuem a sintomatologia depressiva (Katz & Hunter, 2007; Hunter et al., 2010). Nas análises de regressão efetuadas não se encontrou que qualquer um dos estilos parentais fosse preditor de sintomatologia depressiva, quer para amostra total, quer considerando apenas a amostra de mães. Este resultado não era esperado, tendo em consideração investigações prévias (Buckholdt et al., 2014b; Hunter et al., 2010; Katz & Hunter, 2007; Stocker, et al., 2007; Yap, et al., 2010) que mostram que a invalidação ou repreensão da expressão emocional negativa se relacionam com um aumento da sintomatologia internalizante (nomeadamente, depressão) e as possíveis consequências negativas deste tipo estilo parental (e.g., os filhos aprendem que as suas emoções são inapropriadas e inválidas, acreditando que alguma coisa não está bem consigo devido à forma como se sentem).

A única moderação que se revelou significativa na amostra total diz respeito ao efeito do estilo parental explorador de emoções na relação entre ansiedade de desempenho público e sintomatologia depressiva do adolescente. Encontrou-se que estas duas variáveis combinadas predizem significativamente a sintomatologia depressiva. Deste modo, verificou-se que quando os adolescentes apresentam níveis elevados de ansiedade de desempenho público ter pais mais exploradores de emoções prediz maior sintomatologia depressiva, do que se os pais forem menos exploradores de emoções. Assim, a relação entre ansiedade de desempenho público e sintomatologia depressiva é diferente consoante os pais sejam mais ou menos exploradores de emoções. Este resultado não era esperado à partida, uma vez que o estilo parental explorador de emoções é conceptualizado como sendo adaptativo. Ainda que não estejam presentes os comportamentos característicos de pais treinadores de emoções que validam e ensinam a regular as emoções negativas, pais exploradores de emoções caracterizam-se pela tentativa de descobrir o que desencadeou a experiência emocional negativa. Não obstante, os pais não parecem adotar comportamentos que ensinem estratégias de regulação emocional de modo a facilitar o lidar com a experiência de emocionalidade negativa, limitando-se apenas a explorar o que causou essa experiência. Deste modo, os pais de filhos com ansiedade de desempenho público parecem explorar como os filhos se sentem perante determinadas situações, na tentativa de perceber o que sentem, mas não os ensinam a lidar com a experiência emocional decorrente. Como se sabe que as competências de regulação emocional medeiam a relação entre estas perturbações, ter pais que se limitam a explorar as emoções dos filhos parece afetar a expressão de sintomatologia depressiva talvez dado que os filhos falam acerca das suas dificuldades e do que sentem, mas os

pais não lhes mostram como lidar com as suas emoções. Parece que explorar e clarificar o que está subjacente à experiência de ansiedade de desempenho público aumenta a relação entre esta e a depressão, porque os filhos tendo um grau de elevado de ansiedade de desempenho não conseguem regular o que estão a sentir, despoletando emocionalidade negativa em geral, e sintomatologia depressiva em particular. No entanto, é de salientar que quando repetimos o estudo de moderação apenas para o grupo de mães, excluindo da amostra os progenitores pais, este efeito de interação entre ansiedade de desempenho público e estilo parental explorador de emoções, na explicação da sintomatologia depressiva do adolescente, não se revelou significativo. Este resultado sugere uma vez mais a importância de estudar o género dos pais em investigações futuras com amostras mais representativas. Pode colocar-se como hipótese de que a moderação do estilo parental explorador de emoções na relação entre ansiedade de desempenho público e sintomatologia depressiva nos adolescentes poderá estar a ser influenciada pelo género dos progenitores, provavelmente com maior influência nos progenitores masculinos. Assim, conjectura-se que retirando os progenitores pais da amostra o resultado deixaria de ser significativo. No entanto, esta é apenas uma hipótese explicativa que precisa de ser testada em amostras representativas de progenitores pais e de progenitores mães.

Salienta-se novamente de que os resultados no presente estudo podem estar a ser influenciados pelo facto de a amostra ser maioritariamente composta por pais treinadores de emoções (95% dos pais) não estando claro o efeito que os outros estilos parentais, nomeadamente o reprovador, poderão ter na relação entre ansiedade social e depressão. Além disto, podem existir outras variáveis que reduzam o impacto dos estilos parentais na relação entre ansiedade social e depressão, como é o caso da relação com os pares. O facto de se estar perante uma amostra comunitária, cuja média de sintomatologia depressiva se encontra abaixo do limiar para diagnóstico de depressão, também poderá ter contribuído para o reduzido efeito dos estilos parentais na sintomatologia depressiva. Estudos com amostras clínicas como os de Katz & Hunter (2007) e de Hunter et al. (2010) têm demonstrado a importância dos estilos parentais para a vulnerabilização dos adolescentes para a sintomatologia depressiva.

Como já referido a amostra é constituída sobretudo por indivíduos do género feminino, tanto no que se refere aos filhos, como no que se refere aos pais. De facto, o número tão reduzido de progenitores homens inviabilizou o presente estudo desse grupo da amostra. É importante que estudos futuros analisem a relação entre as variáveis estu-

dadas nesta investigação para o grupo de progenitores pais e que se comparem os resultados obtidos com os de progenitores mães. A encontrarem-se diferenças significativas entre estes dois grupos terão que se retirar as devidas relações para modelos teóricos explicativos e práticas de prevenção e de tratamento na depressão. A desejabilidade social, que não foi uma variável controlada, poderá ter influenciado as respostas obtidas nos instrumentos de autorresposta. Este efeito poder-se-á ter verificado sobretudo nos pais que se caracterizaram, em 95% dos casos, como adoptando um estilo parental explorador de emoções. Os pais, ao invés de responderem de acordo com o estilo com que socializam emoções nos filhos, podem ter dado respostas que consideram ser socialmente adequadas. Tendo em consideração estes dois aspetos, seria relevante desenvolver estudos com amostras mais equilibradas em termos de género, nos quais se controle a variável de desejabilidade, de modo a perceber se esta se correlaciona com as respostas dadas pelos pais e a perceber se o género dos pais apresenta ou não um efeito sobre os estilos parentais. Do mesmo modo, poder-se-ia recorrer a uma amostra clínica com o objetivo de perceber se numa amostra de filhos com psicopatologia a influência dos estilos parentais é mais expressiva. Com este tipo de amostra seria também possível perceber se o estilo parental explorador de emoções permanece como predominante ou se outros estilos parentais poderiam ser mais relevantes, nomeadamente estilos parentais que criticam e suprimem a experiência emocional negativa dos filhos, pois têm sido frequentemente associados ao desenvolvimento de sintomatologia internalizante (Buckholdt et al., 2014b; Hunter et al., 2010; Katz & Hunter, 2007; Stocker, et al., 2007; Yap, et al., 2010). A partir da revisão de literatura percebeu-se que os estilos parentais para lidar com as emoções contribuem para o desenvolvimento de competências de regulação emocional dos filhos e que estas, por sua vez, têm impacto sobre o ajustamento e funcionamento psicossocial dos filhos. Coloca-se portanto, como hipótese adicional, que a influência dos estilos parentais se expresse na sintomatologia da ansiedade social e da depressão através das estratégias de regulação emocional aprendidas na relação com os pais, pelo que este efeito mediador deveria ser investigado em estudos futuros.

Este estudo veio, no sentido de investigações prévias, demonstrar a relação entre ansiedade social e depressão, e produziu também informação acerca da interferência que os estilos parentais têm, ou não, nessa relação. Desta forma, esta investigação contribui para a clarificação do papel dos estilos parentais no funcionamento psicológico dos filhos e permite apontar direções de investigação futuras, tendo em conta não só as dife-

rentes variáveis que podem influenciar o desenvolvimento de depressão na adolescência, como também o estudo destas variáveis nas interações que se estabelecem diferencialmente com o pai e com a mãe. De acordo com os resultados deste estudo, o efeito preditor da ansiedade social e o efeito de interação entre ansiedade de desempenho público e o estilo parental explorador de emoções obtido deverá ser considerado na elaboração de programas de prevenção e de tratamento da sintomatologia depressiva em adolescentes.

5. Referências

- American Psychiatric Association, & American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5*. Washington, DC: American Psychiatric Association.
- Abela, J. R. Z., & Hankin, B. L. (2008). Depression in children and adolescents: Causes, treatment, and prevention. In J. R. Abela & B. L. Hankin (Eds.), *Handbook of depression in children and adolescents*, (pp. 3–5). New York, NY: Guilford Press.
- Arnarson, E. Ö., & Craighead, W. E. (2009). Prevention of depression among icelandic adolescents. *Behaviour Research and Therapy*, *47*(7), 577-585.
doi:10.1016/j.brat.2009.03.011
- Aune, T., & Stiles, T. C. (2009). The effects of depression and stressful life events on the development and maintenance of syndromal social anxiety: sex and age differences. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, *38*(4), 501-512.
doi:10.1080/15374410902976304
- Beesdo, K., Bittner, A., Pine, D. S., Stein, M. B., Höfler, M., Lieb, R., & Wittchen, H. (2007). Incidence of social anxiety disorder and the consistent risk for secondary depression in the first three decades of life. *Archives of General Psychiatry*, *64*(8), 903-912. doi:10.1001/archpsyc.64.8.903

- Beidel, D. C., Turner, S. M., Young, B. J., Ammerman, R. T., Sallee, F. R., & Crosby, L. (2007). Psychopathology of adolescent social phobia. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, *29*(1), 46-53. doi:10.1007/s10862-006-9021-1
- Belzer, K., & Schneier, F. R. (2004). Comorbidity of anxiety and depressive disorders: issues in conceptualization, assessment, and treatment. *Journal of Psychiatric Practice*, *10*(5), 296-306. doi:10.1097/00131746-200409000-00003
- Brook, C. A., & Schmidt, L. A. (2008). Social anxiety disorder: a review of environmental risk factors. *Neuropsychiatric Disease and Treatment*, *4*(1), 123-143. doi:10.2147/ndt.s1799
- Buckholdt, K. E., Kitzmann, K. M., & Cohen, R. (2014a). Parent emotion coaching buffers the psychological effects of poor peer relations in the classroom. *Journal of Social and Personal Relationships*, *33*(1), 23-41. doi:10.1177/0265407514562560
- Buckholdt, K. E., Parra, G. R., & Jobe-Shields, L. (2014b). Intergenerational transmission of emotion dysregulation through parental invalidation of emotions: implications for adolescent internalizing and externalizing behaviors. *Journal of Child and Family Studies*, *23*(2), 324-332. doi:10.1007/s10826-013-9768-4
- Bögels, S. M., Van Oosten, A., Muris, P., & Smulders, D. (2001). Familial correlates of social anxiety in children and adolescents. *Behaviour Research and Therapy*, *39*(3), 273-287. doi:10.1016/s0005-7967(00)00005-x
- Chavira, D. A., Stein, M. B., Bailey, K., & Stein, M. T. (2004). Comorbidity of generalized social anxiety disorder and depression in a pediatric primary care sample. *Journal of Affective Disorders*, *80*(2-3), 163-171. doi:10.1016/s0165-0327(03)00103-4

- Cicchetti, D., & Toth, S. (2009). A developmental psychopathology perspective on adolescent depression. In S. Nolen-Hoeksema, & L. Hilt (Eds.), *Handbook of Depression in Adolescents*, (pp. 3-32). New York, NY: Routledge
- Cummings, C., & Fristad, M. (2008). Mood disorders in childhood. In R. G. Steele, T. D. Elkin, & M. C. Roberts (Eds.), *Handbook of evidence-based therapies for children and adolescents: Bridging science and practice*, (pp. 145–160). New York, NY: Springer.
- Dalrymple, K. L., & Zimmerman, M. (2007). Does comorbid social anxiety disorder impact the clinical presentation of principal major depressive disorder? *Journal of Affective Disorders*, *100*(1-3), 241-247. doi:10.1016/j.jad.2006.10.014
- Dalrymple, K. L., & Zimmerman, M. (2011). Age of onset of social anxiety disorder in depressed outpatients. *Journal of Anxiety Disorders*, *25*(1), 131-137. doi:10.1016/j.janxdis.2010.08.012
- Gonçalves, M. & Dias, P. (1999). Avaliação da ansiedade e da depressão em crianças e adolescentes (STAIC-C2, CMAS-R, FSSC-R e CDI): estudo normativo para a população portuguesa. In A. P. Soares, S. Araújo & S. Caíres (Orgs.). *Avaliação psicológica: formas e contextos* (pp. 553-564). Braga: APPORT.
- Drost, J., Van der Does, W., Van Hemert, A. M., Penninx, B. W., & Spinhoven, P. (2014). Repetitive negative thinking as a transdiagnostic factor in depression and anxiety: A conceptual replication. *Behaviour Research and Therapy*, *63*, 177-183. doi:10.1016/j.brat.2014.06.004
- Epkins, C. C., & Heckler, D. R. (2011). Integrating etiological models of social anxiety and depression in youth: Evidence for a cumulative interpersonal risk model.

- Clinical Child and Family Psychology Review*, 14(4), 329-376.
doi:10.1007/s10567-011-0101-8
- Essau, C. A., Conradt, J., & Petermann, F. (1999). Frequency and comorbidity of social phobia and social fears in adolescents. *Behaviour Research and Therapy*, 37(9), 831-843. doi:10.1016/s0005-7967(98)00179-x
- Essau, C. A., Lewinsohn, P. M., Seeley, J. R., & Sasagawa, S. (2010). Gender differences in the developmental course of depression. *Journal of Affective Disorders*, 127(1-3), 185-190. doi:10.1016/j.jad.2010.05.016
- Fabes, R. A., Leonard, S. A., Kupanoff, K., & Martin, C. L. (2001). Parental coping with children's negative emotions: relations with children's emotional and social responding. *Child Development*, 72(3), 907-920. doi:10.1111/1467-8624.00323
- Festa, C. C., & Ginsburg, G. S. (2011). Parental and peer predictors of social anxiety in youth. *Child Psychiatry Hum Dev*, 42(3), 291-306. doi:10.1007/s10578-011-0215-8
- Field, A. P. (2009). *Discovering statistics using SPSS (3rd ed.)*. London, England: Sage Publications, Inc.
- Fivush, R. (2007). Maternal reminiscing style and children's developing understanding of self and emotion. *Clinical Social Work Journal*, 35(1), 37-46.
doi:10.1007/s10615-006-0065-1
- Gottman, J. M., & Declaire, J. (1997). *The heart of parenting: How to raise an emotionally intelligent child*. New York, NY: Simon & Schuster.
- Gottman, J. M., Katz, L. F., & Hooven, C. (1996). Parental meta-emotion philosophy and the emotional life of families: Theoretical models and preliminary data. *Journal of Family Psychology*, 10(3), 243-268. doi:10.1037/0893-3200.10.3.243

- Grant, D. M., Judah, M. R., Mills, A. C., Lechner, W. V., Davidson, C. L., & Wingate, L. R. (2014). Rumination and excessive reassurance seeking: mediators of the relationship between social anxiety and depression? *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, *36*(3), 465-474. doi:10.1007/s10862-013-9399-5
- Hankin, B. L., Wetter, E., & Cheely, C. (2008). Sex differences in child and adolescent depression: A developmental psychopathological approach. In J. R. Z. Abela & B. L. Hankin (Eds.), *Handbook of depression in children and adolescents*, (pp. 377–414). New York, NY: Guilford Press.
- Hunter, E. C., Katz, L. F., Shortt, J. W., Davis, B., Leve, C., Allen, N. B., & Sheeber, L. B. (2010). How do I feel about feelings? Emotion socialization in families of depressed and healthy adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, *40*(4), 428-441. doi:10.1007/s10964-010-9545-2
- Katz, L. F., Hunter, E., & Klowden, A. (2008). Intimate partner violence and children's reaction to peer provocation: The moderating role of emotion coaching. *Journal of Family Psychology*, *22*(4), 614-621. doi:10.1037/a0012793
- Katz, L. F., & Hunter, E. C. (2007). Maternal meta-emotion philosophy and adolescent depressive symptomatology. *Social Development*, *16*(2), 343-360. doi:10.1111/j.1467-9507.2007.00388.x
- Katz, L. F., Maliken, A. C., & Stettler, N. M. (2012). Parental meta-emotion philosophy: a review of research and theoretical framework. *Child Development Perspectives*, *6*(4), 417-422. doi:10.1111/j.1750-8606.2012.00244.x
- Katz, L. F., & Windecker-Nelson, B. (2004). Parental meta-emotion philosophy in families with conduct-problem children: links with peer relations. *Journal of*

Abnormal Child Psychology, 32(4), 385-398.

doi:10.1023/b:jacp.0000030292.36168.30

Kline, R. (2011). *Principles and practice of structural equation modeling*. (3rd ed.). New York, NY: The Guilford Press.

Knappe, S., Beesdo-Baum, K., Fehm, L., Lieb, R., & Wittchen, H. (2012). Characterizing the association between parenting and adolescent social phobia. *Journal of Anxiety Disorders*, 26(5), 608-616. doi:10.1016/j.janxdis.2012.02.014

Knappe, S., Lieb, R., Beesdo, K., Fehm, L., Ping Low, N. C., Gloster, A. T., & Wittchen, H. (2009). The role of parental psychopathology and family environment for social phobia in the first three decades of life. *Depression and Anxiety*, 26(4), 363-370. doi:10.1002/da.20527

Kovacs, M. (1985). The children's depression inventory. *Psychopharmacology Bulletin*, (21), 995-998.

Lieb, R., Wittchen, H., Höfler, M., Fuetsch, M., Stein, M. B., & Merikangas, K. R. (2000). Parental Psychopathology, Parenting Styles, and the Risk of Social Phobia in Offspring. *Archives of General Psychiatry*, 57(9), 859. doi:10.1001/archpsyc.57.9.859

Lunkenheimer, E. S., Shields, A. M., & Cortina, K. S. (2007). Parental emotion coaching and dismissing in family interaction. *Social Development*, 16(2), 232-248. doi:10.1111/j.1467-9507.2007.00382.x

March, J. S., Parker, J. D., Sullivan, K., Stallings, P., & Conners, C. K. (1997). The multidimensional anxiety scale for children (MASC): Factor structure, reliability, and validity. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 36(4), 554-565. doi:10.1097/00004583-199704000-00019

- Marôco, J. (2010). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações*. Sintra, Portugal: Report Number.
- Marújo, H. (1994). *Síndromas depressivos na infância e na adolescência* (Unpublished doctoral dissertation). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- McLeod, B. D., Wood, J. J., & Weisz, J. R. (2007). Examining the association between parenting and childhood anxiety: A meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, 27(2), 155-172. doi:10.1016/j.cpr.2006.09.002
- Morris, A. S., Silk, J. S., Steinberg, L., Myers, S. S., & Robinson, L. R. (2007). The Role of the Family Context in the Development of Emotion Regulation. *Social Development*, 16(2), 361-388. doi:10.1111/j.1467-9507.2007.00389.x
- Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. (2005). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS* (4th ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Ramsden, S. R., & Hubbard, J. A. (2002). Family expressiveness and parental emotion coaching: Their role in children's emotion regulation and aggression. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 30, 657-667.
- Ranta, K., Kaltiala-Heino, R., Rantanen, P., & Marttunen, M. (2009). Social phobia in Finnish general adolescent population: prevalence, comorbidity, individual and family correlates, and service use. *Depression and Anxiety*, 26(6), 528-536. doi:10.1002/da.20422
- Rao, P. A., Beidel, D. C., Turner, S. M., Ammerman, R. T., Crosby, L., & Sallee, F. R. (2007). Social anxiety disorder in childhood and adolescence: Descriptive psychopathology. *Behaviour Research and Therapy*, 45(6), 1181-1191. doi:10.1016/j.brat.2006.07.015

- Rao, U., & Cohen, L. (2009). Characteristics, correlates and outcomes of childhood and adolescent depressive disorders. *Dialogues in Clinical Neuroscience: Child and Adolescent Psychiatry, 11*, 45-62. doi:10.1007/978-0-387-47672-8_7
- Ruscio, A., Brown, T., Chiu, W., Sareen, J., Stein, M., & Kessler, R. (2008). Social fears and social phobia in the USA: results from the national comorbidity survey replication. *Psychological Medicine, 38*(1), 15-28.
doi:10.1017/s0033291707001699
- Salvador, M. C., Matos, A. P., Oliveira, S. A., March, J. S., Arnarson, E. O., & Craighead, E. W. (2015). *The Multidimensional Anxiety Scale for Children (MASC): Psychometric Properties and Confirmatory Factor Analysis in a Sample of Portuguese Adolescents*. Manuscript submitted for publication.
- Saluja, G., Iachan, R., Scheidt, P. C., Overpeck, M. D., Sun, W., & Giedd, J. N. (2004). Prevalence of and risk factors for depressive symptoms among young adolescents. *Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine, 158*(8), 760.
doi:10.1001/archpedi.158.8.760
- Smucker, M. R., Craighead, W. E., Craighead, L. W., & Green, B. J. (1986). Normative and reliability data for the children's depression inventory. *Journal of Abnormal Child Psychology, 14*(1), 25-39. doi:10.1007/bf00917219
- Stein, M. B., Fuetsch, M., Müller, N., Höfler, M., Lieb, R., & Wittchen, H. (2001). Social anxiety disorder and the risk of depression. *Arch Gen Psychiatry, 58*(3), 251. doi:10.1001/archpsyc.58.3.251
- Stocker, C. M., Richmond, M. K., Rhoades, G. K., & Kiang, L. (2007). Family emotional processes and adolescents' adjustment. *Social Development, 16*(2), 310-325. doi:10.1111/j.1467-9507.2007.00386.x

- Wittchen, H., Stein, M. B., & Kessler, R. C. (1999). Social fears and social phobia in a community sample of adolescents and young adults: prevalence, risk factors and co-morbidity. *Psychological Medicine*, 29(2), 309-323.
doi:10.1017/s0033291798008174
- Yap, M. B., Schwartz, O. S., Byrne, M. L., Simmons, J. G., & Allen, N. B. (2010). Maternal positive and negative interaction behaviors and early adolescents' depressive symptoms: adolescent emotion regulation as a mediator. *Journal of Research on Adolescence*, 20(4), 1014-1043. doi:10.1111/j.1532-7795.2010.00665.x
- Yorbik, O., Birmaher, B., Axelson, D., Williamson, D. E., & Ryan, N. D. (2004). Clinical characteristics of depressive symptoms in children and adolescents with major depressive disorder. *Journal of Clinical Psychiatry*, 65(12), 1654-1659.
doi:10.4088/jcp.v65n1210